

ARTIGO LIVRE

Revisitando DNa/AB: Introdução, Tradução para o Português e Comentários sobre a Inscrição DNa/AB da Tumba de Dario em *Naqsh-i Rostam**

*Revisiting DNa/AB: Introduction, Portuguese Translation and Commentaries on the Inscription DNa/AB from Darius' Tomb at Naqsh-i Rostam*¹

Matheus Treuk Medeiros de Araujo**

Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

Università Sapienza di Roma. Roma, Italia.

RESUMO: Este artigo apresenta uma breve introdução crítica ao complexo funerário de *Naqsh-i Rostam*, com foco na tumba de Dario I (522-486 a.C.), e propõe uma tradução para o português de DNa/AB. Ele destaca que os especialistas costumam recorrer exclusivamente às traduções da versão persa desta inscrição, deixando de lado diversas possibilidades de exame crítico das inscrições régias no Período Aquemênida (c. 550-330 a.C.). Na introdução e comentários, refletimos sobre as leituras do conjunto monumental como expressão de uma imagem atemporal da realeza Aquemênida e questionamos a sua alegada natureza propagandística. Além disso, buscamos situar as práticas funerárias Aquemênidas em seu contexto mesopotâmico, em especial pela presença da figura de um *vaçabara* (Aspathines). Discutimos, por fim, o significado do multilinguismo Aquemênida neste monumento a partir de discussões acadêmicas recentes.

PALAVRAS-CHAVE: Império Persa Aquemênida; Naqsh-i Rostam; relevos monumentais; práticas funerárias; inscrições de Dario.

*O presente trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processos n.º 2022/07801-8 e 2023/01822-6.

**E-mail: mathtreuk@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4500-8279>

Agradeço os pareceristas anônimos por seus valiosos comentários e sou grato ao Instituto para o Estudo das Culturas Antigas de Chicago (ISAC) pela licença dos direitos de imagem.

ABSTRACT: This article presents a brief critical introduction to the funerary complex at Naqsh-i Rostam, focusing on the tomb of Darius I (522-486 BCE). It proposes a Portuguese translation of DNa/AB. It highlights how scholars usually rely solely on the Old Persian version of this inscription, overlooking many possibilities for critical examination of the royal inscriptions from the Achaemenid Period (c. 550-330 BCE). In the introduction and commentaries, we reflect upon the interpretations of this monumental complex as an expression of a timeless image of the Achaemenid royalty and we question its supposedly propagandistic nature. Besides, we seek to situate the funerary practices of the Achaemenids within their Mesopotamian context, especially due to the presence of a *vaçabara* figure (Aspathines) in the complex. Finally, we discuss the meaning of the Achaemenid multilingualism in this monument, according to recent scholarly discussions.

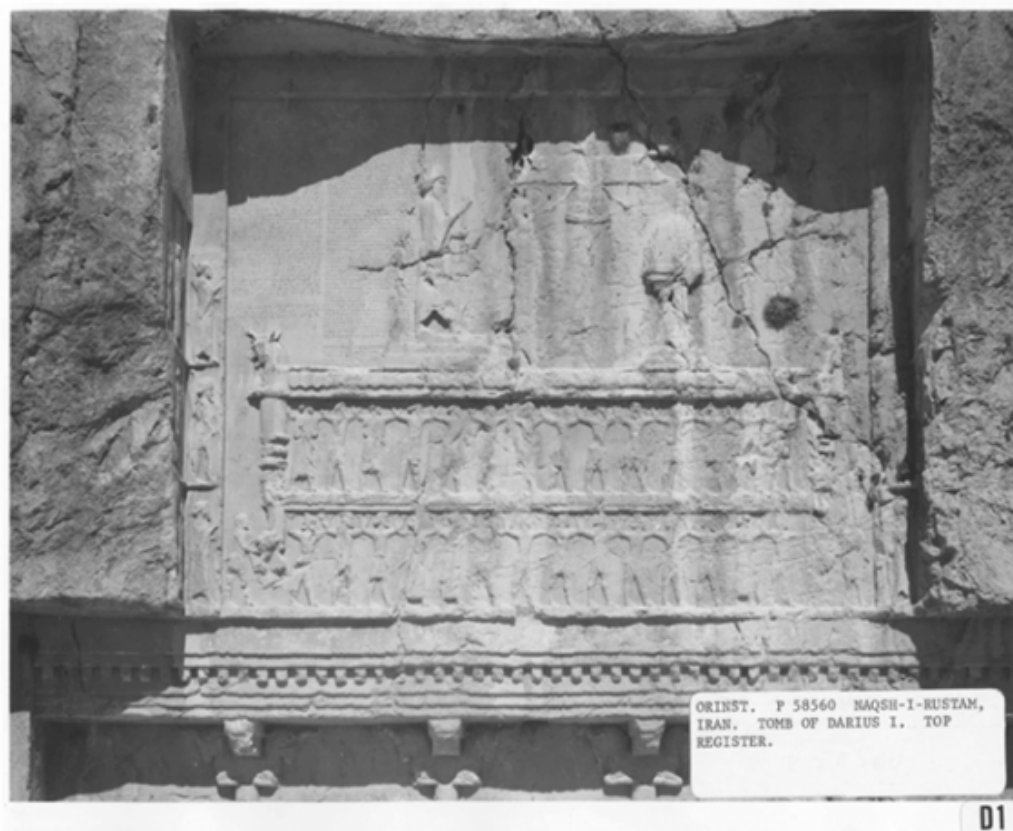
KEYWORDS: Achaemenid Persian Empire; Naqsh-i Rostam; monumental reliefs; funerary practices; inscriptions of Darius.

Introdução

Naqsh-i Rostam (também grafado *Naqš-e Rostam* ou *Naqsh-e Rostam*) é um penhasco íngreme de cerca de 64 metros de altura na face meridional da montanha de *Hossein Kuh* (também grafada *Hussain Kūh* ou *Hosayn Kūh*), localizada na região de *Fārs*, no sul do atual Irã, a cerca de seis quilômetros do complexo palaciano de Persépolis (Weissbach, 1911, p. 17-18; Briant, 1996, p. 182; Garrison, 2017, p. 387; Canepa, 2018, p. 213; Pinto, 2022, p. 298-299). Conhecida por numerosos monumentos históricos – inclusive diversos relevos do Período Sassânida (224-651 d.C.) (Daryaei, 2001, p. 14; Brosius, 2006, p. 145; Canepa, 2010; Pinto, 2022, p. 299-300; 313-314) – essa localidade abriga as tumbas de quatro reis da Dinastia Aquemênida (c. 550-330 a.C.), diante das quais se eleva uma torre com lados medindo 7,25 metros e uma altura de aproximadamente 12,60 metros, vulgarmente conhecida como *Ka'be-ye Zardošt*, isto é, a *Ca'ba* ou “cubo” de “Zoroastro” (Canepa, 2010, p. 580; 2018, p. 160; Pinto, 2022, p. 298).²

Os monumentos funerários exibem fachadas de formato cruciforme e câmaras que foram esculpidas na própria rocha da escarpa. Apenas o sepulcro mais antigo (“tumba I”; cf. Figura 1) contém inscrições trilíngues (DNa e DNb)³ nomeando seu ocupante,⁴ Dario I (522-486 a.C.), enquanto os demais são, por conjectura, atribuídos a Dario II, Artaxerxes I e Xerxes (Briant, 1996, p. 183; Von Gall, 2009; Kuhrt, 2007, p. 502; Pinto, 2022, p. 297-313).⁵ A base do sepulcro de Dario situa-se a uma altura de 15 metros a partir do solo e a fachada eleva-se até uma altura de mais de 22 metros (Briant, 1996, p. 182-183; Canepa, 2018, p. 213). Conforme aduzido por Mark Garrison, a melhor proposta de datação do complexo continua a ser a de Margaret Root (1979), segundo a qual ele teria sido concebido e talhado em algum momento entre 521 e 505 a.C..⁶

Figura 1 – *Naqsh-e Rostam*, Irã. Tumba de Dario I, Registro Superior (P 58560). Cortesia do Institute for the Study of Ancient Cultures of the University of Chicago (ISAC).



Relevos

Relevos gravados no plano cruciforme da rocha – e copiados, com poucas inovações, pelos reis posteriores – representam, no registro superior, o rei Dario sobre uma base de três níveis cujos degraus diminuem em comprimento, gradualmente, de baixo para cima, e, abaixo deste objeto, uma plataforma similar a um “trono” carregado por 30 representantes dos países do império com os braços erguidos na “pose de atlas” – uma postura emblemática e de implicações religiosas (Schmidt, 1970, p. 84; Root, 1979, p. 147-153; Garrison, 2017, p. 403-404). As 30 figuras de carregadores de trono são identificadas por rótulos trilíngues (nomeados, atualmente, pela sigla “DNe”). Dario, por sua vez, veste o “traje persa de corte”, calçados sem atadura e traz uma longa barba pontuda; ele tem um arco na mão esquerda e faz um aceno com a mão direita em direção a uma figura antropomórfica envolvida por um disco alado (Garrison, 2013, p. 580-582) que, presumivelmente (por comparação às outras tumbas), estendia o símbolo de “anel” em direção ao rei (Garrison, 2017, p. 395).⁷ Segundo a maioria dos especialistas, essa figura flutuante seria uma representação do deus supremo do panteão iraniano, Ahura Mazda (Root, 1979, p. 171).⁸ Por fim, um disco lunar crescente é representado no topo do relevo, enquanto uma estrutura escalonada com fogo está colocada diante do rei e abaixo de Ahura Mazda, do lado direito da cena (Von Gall, 2009; Garrison, 2011, p. 38; 52-55; Pinto, 2022, p. 300-301).

Do lado esquerdo do registro superior do relevo, três carregadores de armas emolduram a cena. Quatro lanceiros são adicionalmente registrados em três fileiras na ala que se projeta perpendicularmente a partir da fachada, do lado esquerdo (Root, 1979, p. 73; Garrison, 2017, p. 401). Dois dos carregadores de armas são identificados por “rótulos” que informam seus nomes, grupo tribal ou títulos honoríficos: “Góbrias, um patiscório,⁹ carregador da lança de Dario” (DNe)¹⁰ e “Aspathines, carregador da veste,

segura o machado de batalha de Dario, o rei” (DNd).¹¹ Do lado direito da cena, seis “figuras desarmadas” (três na fachada e outras três na rocha projetada perpendicularmente à fachada) são representadas vestindo “trajes persas” (Garrison, 2017, p. 402) e levando as mãos esquerdas às bocas, em sinal de lamentação (Schmidt, 1970, p. 84), solenidade (Root, 1979, p. 178-179; Jones, 2022, p. 77-79) ou outro ato cerimonial (Garrison, 2011, p. 34; Delshad; Doroodi, 2019, p. 15). Uma inscrição recentemente descoberta nesta seção do relevo identifica outro “patiscório”, cujo nome, infelizmente, não é legível. Ele realizaria um ato cerimonial descrito pelo verbo acadiano “*karābu*” (DNf).¹² O registro médio do relevo, por fim, figura a fachada planificada de um templo (Root, 1979, p. 73; Von Gall, 2009),¹³ geralmente identificado a *tacara*¹⁴ (Canepa, 2018, p. 213; Pinto, 2022, p. 300).

Ao interpretar a cena da tumba de Dario, Mark Garrison (2011) argumenta que ela apontaria para a convergência de uma esfera numinosa e outra terreal, possivelmente aludindo ao caráter divino do rei *post-mortem*. De um lado, o monarca parece ser elevado a um âmbito celestial pelos povos em pose de Atlas. Essa dimensão é caracterizada por emblemas religiosos, como uma divindade lunar (a lua crescente), Ahura Mazda e a estrutura com fogo. Por outro lado, as figuras humanas, como os atendentes sem armas à direita, indicam um ato processional e cerimonial de execução mundana, retratada em cenas da glíptica. Há, ademais, uma mistura de elementos que, na glíptica persepolitana, são frequentemente dissociados, em selos de tipologia diferente, inclusive quanto às diferentes modalidades de estruturas de culto: cenas dinâmicas com estruturas de fogo escalonadas,¹⁵ cenas estáticas de estruturas sem fogo em formato de “torre” crenelada/retangulares¹⁶ e, por fim, cenas contendo as duas estruturas.¹⁷

Práticas funerárias

O conhecido debate sobre a natureza do “zoroastrismo” dos Aquemênidas frequentemente envolve inferências a partir das estruturas monumentais de *Naqsh-e Rostam*, uma vez que, segundo o Avesta, o livro sagrado do zoroastrismo, o enterro de cadáveres seria interditado aos seus seguidores pelo risco de macular a terra, um elemento considerado sagrado (Russell, 2000; Canepa, 2018, p. 214; Pinto, 2022, p. 305). A necrópole de *Naqsh-e Rostam*, portanto, não refletiria a concepção religiosa avéstica, que recomendava, em vez de cremações ou inumações, a exposição dos cadáveres para que fossem consumidos por animais necrófagos (Skjærvø, 2014, p. 180; Pinto, 2022, p. 300-309).

Diferentes perspectivas teóricas tentam dar conta dessa aparente divergência. De um lado, há aqueles que nos lembram da excepcionalidade dos enterros áulicos, enfatizando, ademais, as atestações clássicas da prática de escarnação e, por fim, apontando para a relatividade de uma suposta “ortodoxia zoroastriana” sassânida, frequentemente invocada como parâmetro de comparação (Pinto, 2022, p. 306-309). Outros recordam que os autores clássicos, embora mencionem a escarnação, lhe atribuem ressalvas, limitando-a aos *magi*. Assim, por exemplo, Heródoto (séc. V a.C.; Hdt. 1.140) afirma que a prática é certamente adotada pelos *magi*, sacerdotes persas, em oposição ao caso do homem persa comum, a respeito do qual ele não pode afirmar o mesmo “com certeza” (Razmjou, 2005, p. 154; Callieri, 2021, p. 1281-1282).¹⁸ Do ponto de vista arqueológico, os especialistas concorrem ao considerar a evidência para a difusão da exposição de cadáveres ausente ou pouco significativa para o Período Aquemênida (Razmjou, 2005, p. 155), talvez sugerindo uma restrição à classe sacerdotal (Callieri, 2021, p. 1282).¹⁹

Suspendendo momentaneamente a discussão sobre a aplicabilidade do Avesta ao nosso contexto, uma interpretação alternativa para o complexo funerário pode ser buscada nos ricos paralelos com a tradição e os cultos funerários mesopotâmicos, sobretudo a partir de estudos da documentação administrativa Aquemênida (Henkelman, 2008; 2021a; 2021b). Por essa via de análise, destaca-se a inusitada conexão entre a tumba de Dario e a figura dos “eunucos da corte”, mediada pelo debate sobre

a natureza do termo acadiano *ša rēši*. Na assiriologia, a expressão *ša rēši* (que significa, literalmente, “aquele da cabeça”), costuma ser entendida como referência a servidores castrados, especialmente no caso Médio e Neoassírio (May, 2023). Um estudo de Michael Jursa, publicado em 2011, estabeleceu uma relação entre o declínio na utilização desse termo nos arquivos babilônicos pós-Xerxes e sua aparente substituição pela expressão acadiana *ustarbaru*. Ora, tal palavra é um empréstimo do persa antigo *vaçabara*, que significa o “carregador das vestes” (Jursa, 2011, p. 168). Aspathines, o cortesão representado e identificado na fachada da tumba de Dario (DNd), é justamente intitulado um *vaçabara*. Para tornar a coincidência ainda mais intrigante, sabemos que *ša rēši* são associados a tumbas e práticas funerárias desde o Período Neoassírio (Groß, 2020, p. 242) – e, notoriamente, o equivalente elamita de *vaçabara*, *lipte kuktir*, aparece relacionado aos cuidados de uma tumba (*šumar*) de Cambises em documentos de Persépolis (Henkelman, 2003; Tavernier, 2014; Waters, 2017, p. 41). Por fim, nos relatos de Ctésias de Cnido, *eunoúkhoi* são representados como encarregados do transporte do corpo do rei falecido (Waters, 2017, p. 44; Canepa, 2018, p. 214-215). Diferentemente do que seria esperado caso Aspathines fosse um castrado pré-púbere, isto é, um eunuco na concepção usual, sua figura traz uma longa barba na face. É verdade que “carregadores” de um tipo de “tecido” são regularmente representados nos relevos de Persépolis, sendo alguns deles servidores imberbes e outros barbados (Razmjou, 2010, p. 245), mas sua iconografia não coincide com a do nobre Aspathines.

Independentemente da correlação do título com práticas de emasculação, contudo, parece claro que aqueles chamados de *lipte kuktir*, *vaçabara* e *ustarbaru* mantinham uma relação especial com os enterros áulicos, de forma que podemos estabelecer algum nexo funcional entre a identificação de um *vaçabara* e o contexto funerário de *Naqsh-i Rostam*. Com efeito, é provável que o título *vaçabara*, talvez entendido pelos gregos como “eunuco” (Briant, 1996, p. 284-288), guardasse relação estreita com os rituais relacionados ao falecido rei, e, assim, sua representação nos relevos evocaria o episódio concreto desse cerimonial, que pode ter sofrido influências de tradições das grandes monarquias próximo-orientais do passado.²⁰

Inscrições

A tumba de Dario é caracterizada pela presença de duas inscrições extensas: DNa e DNb, em três idiomas e grafias diferentes (persa, elamita e acadiano babilônico). A primeira se encontra no registro superior do painel e trata da manutenção do império por Dario mediante a ajuda divina de Ahura Mazda.²¹ Seu núcleo menciona “a terra em revolta” (OP) / “os países hostis” (AB) que Dario teria pacificado, bem como a proeza do homem persa (Lecoq, 1997, p. 121).²² A segunda está no registro central do painel e apresenta características peculiares se comparada a outras inscrições reais pregressas ou ulteriores, constituindo um verdadeiro “Espelho de Príncipes” (*Fürstenspiegel*) (Macedo, 2020). Ela trata não apenas dos atributos do rei, mas de como se deve aplicar a justiça – punindo a delinquência de forma proporcional ao dano, ouvindo os dois lados de uma contenda, entre outras coisas. O vocabulário e a sintaxe deste texto são os mais complexos no universo das inscrições veteropersas (Lecoq, 1997, p. 122).²³

Ainda quanto às inscrições de *Naqsh-i Rostam*, não podemos deixar de mencionar a presença de um texto em aramaico abaixo da versão elamita de DNb. De sumo interesse é o fato de que esse texto, gravado em alfabeto aramaico, está, ao que tudo indica, no idioma persa antigo. Embora seja geralmente datada do período Selêucida (Von Gall, 2009; Pinto, 2022, p. 301),²⁴ os especialistas têm, já há algum tempo, repensado a data da inscrição, defendendo que sua produção seja atribuída ao final do Período Aquemênida (Frye, 1982; Mitchell, 2020, p. 68-70). Isso tudo nos obriga a considerar a possibilidade de que certas proclamações pudessem ter sido originalmente ditadas pela chancelaria

real em persa antigo a escribas que as redigiam no alfabeto aramaico (Sims-Williams, 1981, p. 2; Bae, 2003, p. 7). A inscrição de *Naqsh-e Rostam* constituiria, assim, uma excepcional sobrevivência desse procedimento, graças ao fato de ter sido gravada em pedra, e não – como se poderia presumir para os demais casos – em pergaminho ou papiro.

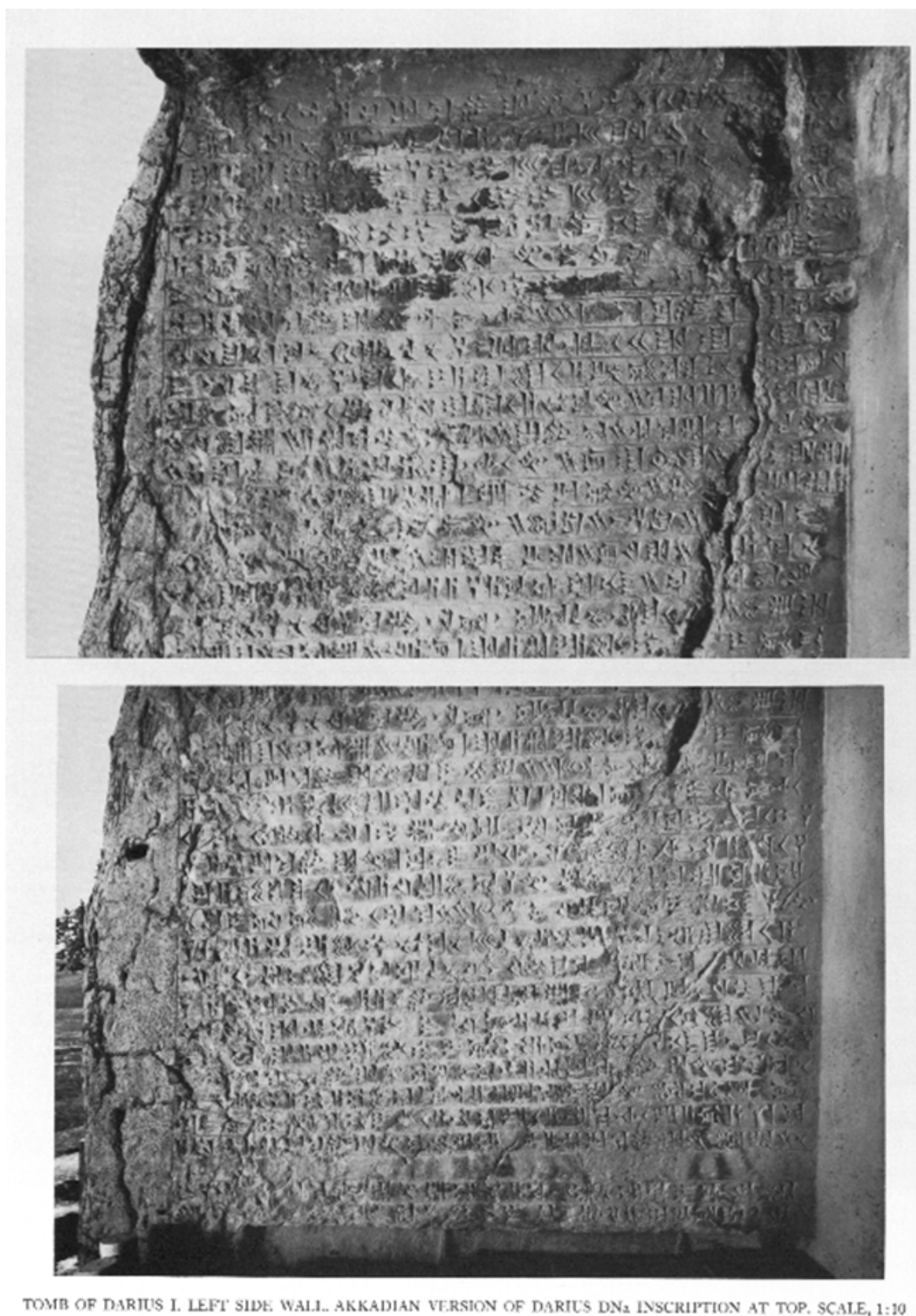
Não poucos autores têm buscado nas inscrições reais persas, inclusive DNa e DNb, o caráter de “propaganda”, ou, alternativamente, de documentos relacionados à difusão deliberada de “ideologias políticas” (Granerød, 2013; Jonker, 2019; 2021, p. 190-197; Pinto, 2022, p. 310). No entanto, as inscrições reais Aquemênidas formam um conjunto relativamente circunscrito de documentos, pertencentes, em sua maioria, ao centro imperial, e geralmente presentes em locais de difícil acesso ou gravados em suportes de natureza fundacional (Silverman, 2018, p. 262; Jacobs, 2021, p. 750-751).²⁵ O “persa antigo” que foi usado nas inscrições era uma língua literária, e não refletia exatamente a língua falada pelos persas coetâneos (Skjærvø, 2009, p. 46-47; Finn, 2011, p. 235). O acadiano Aquemênida também não correspondia ao vernacular neo – e tardo babilônico (Beaulieu, 2006, p. 203; Daneshmand, 2015, p. 330). Embora DB mencione uma possível difusão do texto do monumento pelo império, o que se tem buscado corroborar pelo achado de papiros com excertos da inscrição em aramaico em Saqqara e Elephantina (Segal, 1983, p. 85; Bae, 2003, p. 5-6) – incluindo, neste último caso, uma versão contendo o parágrafo final de DNb (Sims-Williams, 1981), – e fragmentos de uma estela babilônica (Seidl, 1999), a própria Inscrição de Behistun aparentemente refere-se a outros suportes materiais quando trata de suas reproduções, a saber, “pergaminho” e “tabletes” (DB, §70) (Mitchell, 2020, p. 63; Vallat, 2011, p. 272-273). Por fim, recorde-se que as versões difundidas pelo império não são reproduções literais do texto monumental. Tendo em vista esses diversos fatores, e a despeito da demonstrada possibilidade de circulação dos textos em outras traduções e suportes, devemos ter em mente que as inscrições monumentais não eram, *em si*, “propaganda”, na acepção de mídia de massas de caráter persuasório (Jacobs, 2010, p. 109-110; cf. também Finn, 2011).²⁶

Atemporalidade & Narrativa

Para a maioria dos autores, o episódio da “terra em comoção” mencionado em DNa (§ 3º) não refletiria uma narrativa propriamente histórica, sendo, antes, um texto voltado a exprimir alguns aspectos transcendentais da monarquia persa (Briant, 1996, p. 184; Pinto, 2022, p. 311). Embora concordemos em parte com esta visão, deve-se reconhecer que diversos elementos acabam por temperar a ideia de que as inscrições pertenceriam ao âmbito do ideal e abstrato, a começar pela presença, no complexo funerário, de inscrições como DNC, DNd e DNf, que individualizam e nomeiam personagens históricas. Conforme assevera Garrison, esse fato é único se comparado a todos os demais relevos monumentais da época (2013, p. 578; 2017, p. 406).²⁷

Não se pode, ademais, ignorar a possibilidade de que as sete figuras armadas à esquerda da figura do rei evocassem as sete famílias nobres que teriam ajudado Dario em suas campanhas contra o usurpador *Gaumāta*, com alguma figura anônima representando o clã Aquemênida para além do próprio Dario (Garrison, 2017, p. 406). Com efeito, mesmo as duas figuras de nobres anônimos presentes em Behistun são frequentemente interpretadas como uma metonímia dos seis aliados de Dario nos episódios que culminaram em sua ascensão ao trono (Briant, 1996, p. 140-142). Lembremos, por fim, que as figuras do relevo da tumba não são puramente “emblemáticas”, mas também históricas e “narrativas”, conforme esclarecido por Garrison, na medida em que tendem à associação de um episódio processional mundano a uma esfera atemporal e numinosa, com a elevação do rei à dimensão divina (Garrison, 2011). Assim, nos parece hoje mais promissor adotar uma corrente interpretativa “mitigada” quanto à atemporalidade do complexo.

Figura 2 – *Tumba de Dario I*, Lado Esquerdo da Pedra. Versão Acadiana da Inscrição DN_a. Cortesia Institute for the Study of Ancient Cultures of the University of Chicago (ISAC). A versão em alta resolução da imagem pode ser consultada em Treuk Medeiros De Araujo (2025). Achaemenid Babylonian (AB) cuneiform sign list, based on DN_a/AB [Data set]. (Version 2.0). Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.15014444>.



DNa: versões

O primeiro a fazer cópias de DNa (Figura 2) e parte de DNb foi o dinamarquês Niels Ludvig Westergaard, em 1843. Após a disponibilização das primeiras fotografias do monumento, Weissbach realizou importantes avanços quanto à sua compreensão, no início do século XX. Nos anos 1930, os membros da expedição do então Oriental Institute of Chicago estiveram em condições privilegiadas de observar as inscrições, que foram copiadas e publicadas em versões praticamente completas por Ernst Herzfeld, em 1938. Rüdiger Schmitt, por fim, preparou uma edição crítica dos textos persas de DNa-b a partir de fotografias feitas em 1965 por M. Rostamy, e fornecidas pelo Museu Arqueológico de Teerã (Schmitt, 2000, p. 23-24).

Transcrições e traduções da versão persa de DNa foram realizadas por Roland Kent (1950, p. 137-138), Rüdiger Schmitt (2000, p. 25-32; 2009, p. 100-104) e Amélie Kuhrt (2007, p. 502-503). A versão elamita foi estudada por Vallat (1977, p. 149-154) e Grillot-Susini (1987, p. 65-67). A mais recente edição crítica da versão acadiana de que tenho conhecimento foi realizada por Weissbach (1911, p. 87-91), e apresenta convenções já datadas.²⁸ Pierre Lecoq produziu uma tradução de todas as versões da inscrição para o francês, com notas comparativas, mas sem o texto original. Atualmente, o Projeto DARIOSH (junto à Universidade de Nápoles, *L'Orientale*) pretende lançar versões integrais das inscrições reais em todas as línguas, mas, até o momento, não tive conhecimento de uma versão do acadiano de DNa (Delshad, 2019).²⁹ O antigo projeto ARI (*Achaemenid Royal Inscriptions*) continha algumas transliterações de inscrições persas em acadiano realizadas por Mathew Stolper, sobretudo daquelas oriundas de Persépolis. O projeto, hoje *offline*, foi substituído pelo ARIO (*Achaemenid Royal Inscriptions Online*), com textos digitados e lematizados pelo professor Henry Heitmann-Gordon, e preservando algumas das versões fornecidas por Stolper, mas não a de DNa.

Pelo acima disposto, é possível constatar que a maioria dos autores, ao trabalharem com DNa, frequentemente ignoram o texto acadiano e baseiam suas análises somente na versão veteropersa. Isso ocorre também com muitas outras inscrições reais Aquemênidas. Nesse sentido, ainda que as inscrições reais sejam os textos autóctones mais explorados para o estudo do Período Aquemênida, a verdade é que apenas uma porção deles recebe a devida atenção por parte dos especialistas (Bae, 2003, p. 8). Assim, pretendemos contribuir para a superação desta lacuna ao fornecer abaixo uma tradução do texto acadiano a partir da transliteração de Weissbach, complementada pelo meu próprio exame direto da inscrição, conforme fotografia de Schmidt (1953, pl. 31), que me foi gentilmente concedida em alta resolução pelo ISAC,³⁰ e seguindo-se as convenções de transliteração atualizadas estabelecidas no ramo.³¹

DNa: síntese

No que tange ao teor da inscrição DNa/AB, trata-se de um texto formulaico que enfatiza a relação especial do rei Dario com seu patrono divino, Ahura Mazda. Ahura Mazda é descrito como um deus criador, como ocorre também no texto sagrado do Zoroastrismo, o Avesta. Ele é responsável por gerar a terra, os céus, os homens e a “felicidade” para os homens (§1º). Esse conjunto de obras é recorrentemente mencionado nos prólogos cosmogônicos das inscrições reais persas (e.g., XPh; cf. Treuk, 2023a, p. 98). É Ahura Mazda, ademais, quem outorga o poder monárquico a Dario, fato também enfatizado na inscrição de Behistun (DB). O rei Dario faz questão de apresentar-se como filho de Histaspes, descendente da linhagem Aquemênida, além de realçar o seu pertencimento a uma identidade persa (§2º; cf. XPh, Treuk, 2023a, p. 99). Por fim, note-se que o aspecto imperial é particularmente relevante: Dario é “rei de muitos reis” (§1º).

No §3º, Dario elenca os países sob sua dominação e esclarece a dimensão dessa submissão: a observância da sua “lei”, o pagamento de tributo e o respeito às injunções imperiais. A lista do § 3º, junto das imagens dos carregadores do trono nos relevos, é mais uma forma de ilustrar a extensão imperial do poder Aquemênida. O §4º, por sua vez, fala que Ahura Mazda teria outorgado o poder a Dario ao ver os países da terra em conflito. Dario alega, então, ter colocado as coisas no seu devido lugar. Considerando a fraseologia, muito similar ao que vemos em DB, é provável que essa seja uma referência aos eventos de 522 a 519 a.C., quando Dario teria destronado Bardiya (a quem acusava de ser, na verdade, um sacerdote e impostor chamado Gaumāta), além de ter derrotado diversos outros líderes insurgentes no centro do império.

Os §§ 4º e 6º dirigem-se a um interlocutor, que, presumivelmente, seria o futuro príncipe – aquele capaz de revisitar os monumentos. Nesses trechos, o rei exibe seu poderio para a posteridade e exorta os sucessores à observância dos comandos de Ahura Mazda. O §5º, de forma análoga a outras inscrições ulteriores (e.g., XPf §5º), dirige-se a Ahura Mazda em busca de proteção à Pérsia, à dinastia Aquemênida e ao próprio rei. Por essa via, o monumento assume também uma função apotropaica.

“Babilônio Aquemênida”

O chamado “Babilônio Aquemênida” é um dialeto do acadiano usado para grafar as inscrições reais Aquemênidas a partir, pelo menos, de Behistun (c. 520 a.C.). Ele preserva formas do neobabilônico usado nas negociações do dia a dia da Babilônia à época, mas também traz características peculiares, diferenciando-se do “Babilônico Padrão” e de outras formas “clássicas”, como o “Paleobabilônico” (Huehnergard, 2011, p. xxv).

Em termos de grafia, o número de sinais cuneiformes é reduzido, havendo uma diminuição da poligrafia e polifonia na escrita. O número de logogramas e ideogramas é também reduzido, adstringindo-se a casos bem conhecidos (Malbran-Labat, 1994, p. 15-18).³² Quanto à morfologia nominal, sabe-se que o sistema de casos é simplificado, com a desinência do nom. s. m. (-u) “invadindo” outros casos gramaticais. As desinências do ac. (-a) e do gen. (-i) aparecem de forma excepcional (Malbran-Labat, 1993, p. 28-29; cf. também Huehnergard, 2011, p. 597-598).³³ Os nomes próprios não declinam e os substantivos não necessariamente exibem desinência dos casos obl. ou gen. após preposições (Malbran-Labat, 1993, p. 29-30). A prep. “ana”, aliás, é amiúde usada como marcador do objeto direto (Malbran-Labat, 1993, p. 32-33).

O pron. p. indep. da 1ª p. s. c., *anāku*, é usado corriqueiramente na posição de sujeito ou mesmo como objeto indireto e após preposições, diferentemente do acadiano clássico, no qual esse pronome é restrito a casos de ênfase (Malbran-Labat, 1993, p. 35-36). De forma geral, a morfossintaxe verbal não apresenta grandes inovações, e a ordem dos elementos na frase reproduz, habitualmente, a sequência clássica, ainda que com maior liberdade de pós-posicionar os complementos ao verbo (Malbran-Labat, 1993, p. 49-92).

Uma vez que o babilônio empregado nas inscrições régias é moderadamente idiossincrático, e, ademais, dada a limitada presença do acadiano na administração imperial – para além, é claro, da própria Babilônia – Beaulieu propõe que tal dialeto não teria constituído uma mera deferência à atávica tradição pregressa, mas, sim, uma apropriação parcial de sua língua e escrita, a qual envolveria, concomitantemente, a rejeição consciente do “Babilônico Padrão” (*Standard Babylonian*) típico das inscrições reais dos Impérios Neoassírio e Caldeu (Beaulieu, 2006, p. 24). Isso significa que o “multilinguismo” persa não pode ser simplesmente interpretado como expressão de certa “ideologia da diversidade” (Jonker, 2021),³⁴ e que devemos nos impor indagações mais complexas a seu respeito: afinal, qual seria o fundamento da escolha das três – ou, com o egípcio hieroglífico, quatro – escritas monumentais, em detrimento de outras? Qual a relação da língua expressa nos monumentos com aquela exibida nos documentos do dia a dia? Como explicar as idiossincrasias da linguagem usada nos monumentos?

DNa/AB – Texto Acadiano e Tradução para o Português³⁵

§ 1º. DINGIR^{meš} GAL-^du-^aḫu-ur-ma-az-da-’šá AN-e u KI-’tì¹ [ib]-nu-u u UN^{meš} ib-nu-ú šá dum-qí a-na UN^{meš} id-din-nu [šá] ’a¹-na^mda-a-ri-ia-muš LUGAL šá LUGAL LUGAL^{meš} ma-du-tu⁴ ib-nu-u.³⁶

§ 1º. Grande deus é Ahura Mazda, aquele que criou os céus e a terra, e (que) criou a humanidade, aquele que outorgou o bem-estar para a humanidade, aquele que fez Dario um rei, e aquele que (o fez) rei de muitos reis.

§ 2º. [ana]-ku^mda-a-ri-ia-muš LUGAL GAL-^du LUGAL LUGAL^{meš} LUGAL ’KUR’.KUR šá nap-₂-[ḫar] EME gab-bi LUGAL qaq-qar ru-uk-tu⁴ ’ra¹-bi-tú A^muš-’ta¹-as-pa^m a-ḫa-ma-niš-ši-’^{lú}par-sa-a-a DUMU^{lú}par-sa-a-a.³⁷

§ 2º. Eu sou Dario, o grande rei, rei dos reis, rei dos países da soma de todas as línguas, rei da terra grande (e) extensa, filho de Histaspes, um Aquemênida, um persa, filho de um persa.

§ 3º. ^mda-a-ri-ia-muš LUGAL i-gab-bi ina GIŠ.MI šá ^da-ḫu-’ur¹-ma-az-da-’ an-ni-ti KUR.KUR^{meš} šá ana-ku aš-ba-’at¹ e-lat^{kur}par-su u ana-ku ina muḫ-ḫi-šú-nu šá-al-ṭa-ak u man-da-at-’tu⁴ ana-ku i-na-áš-šú-nu šá la-IGI-ia at-tu-u-a ig-gab-ba-áš-šú-nu [a]-’na¹ ap-bit-tú ip-pu-uš-’šú-’¹ u di-na-a-tú at-tu-u-a kul-lu-’^{kur}ma-da-a-a ^{kur}ELAM.MA^{ki}par-tu-ú^{kur} a-re-e-mu^{kur}ba¹-’aḫ¹-tar^{kur}su-ug-du^{kur}ḫu-ma-ri-iz-ma-’^{kur}za-ra-an-’ga¹ [kur]a-ru-ḫa-at-ti-’^{kur}sa-at-gu-šú^{kur}gan¹-da-ri [kur]in-du]-’ú¹ kur[gi-mir]-ri^mú-mu-ur-ga-’^{kur}gi-’mir¹-ri [šá] ’kar¹-bal-’la¹-ti-šú-[nu] rap-pa-’DIN.TIR^{ki}kur aš-šur^{ki}kur[a]-ra-bi^{kur}mi-šir¹ kur’ú¹-[ra-áš]-’tu¹ kurka-at-pa-tuk-ka^{kur}sa-par-da^{kur}ia¹-ma-nu^{kur}[gi]-mir-[ri] šá a-ḫi-ul-lu-a-a šá^{lú}mar-ra-tu⁴ kuris-’ku¹-du-ru [kur]ia¹-ma-nu šá-nu-tú šá ma-gi-na-ta ina SAG.DU-šú-nu na-šú-u^{kur}pu-ú-ta^{kur}[ku]-ú-šú^{kur}maš²-du-ú^{kur}kar-sa.³⁸

§ 3º. O rei Dario diz: sob a proteção de Ahura Mazda, esses são os países dos quais me apropriei, para além da Pérsia; e eu reino sobre eles; e tributo eles me pagam; as coisas que lhes eram ordenadas por mim, tal qual (lhes era dito) eles fizeram; e eles mantiveram as minhas decisões: Média, Elam, Pártia, Ária, Bactria, Sogdiana, Corásmia, Drangiana, Aracósia, Satagídia, Gandara, Índia, os citas amírgios, os citas cujo chapéu é pontudo, a Babilônia, a Assíria, a Arábia, o Egito, a Armênia, a Capadócia, a Lídia, os jônios, os citas que estão do outro lado do mar, a Trácia, os outros jônios, que trazem pétasos² em suas cabeças, a Líbia, Kush, a Mácria² (e) os cários.

§ 4º. ^mda-a-ri-ia-muš LUGAL i-gab-bi^{lú}’a¹-ḫu-ur-ma-az-da-’ ki i-mu-ru KUR.KUR^{meš} an-ni-ti ni-ik-ra-ma a-na [lib]-bi a-ḫa-meš su-um-ḫu ár-ki ana-ku id-dan-’na¹-áš-ši-ni-ti u [ana-ku] ina muḫ-ḫi-ši-na ana LUGAL-ú-tú ip-te-qid-an-[ni] ana-ku LUGAL ina GIŠ.MI šá ^da-ḫu-ur-ma-az-da-’ ana-ku ina áš-ri-ši-na¹ ul¹-te-šib-ši-na-a-tú u šá ana-ku a-gab-ba-áš-ši-na-a-tú ip-pu-uš-ša-’ lib-bu-u šá ana-ku ši-ba-a-ka u ki-i ta-gab-bu-u um-ma KUR.KUR^{meš} an-ni-tú ak-ka-’i-ki ib-šá-’ šá ^mda¹-a-ri-ia-muš LUGAL kul-lu NU^{meš}-šú-nu a-mu-ur šá^{GIŠ}GU.ZA at-tu-u-a na-’šú]-u ina lib-bi tu-ma-’s¹-iš-šú-nu-tú ina u⁴-mu-šú-ma im-nin-da-ak-ka šá a-me-lu^{lú}par-’sa¹-a-a iṣ-as-ma-ru-šú ru-ú-qu il-lik ina u⁴-mu-šú-ma ’im-nin¹-da-ak-ka šá LÚ^{lú}par-sa-a-a ru-ú-qu ul-tu KUR-šú šal-tam [e-pú]-uš.

§ 4º. O rei Dario diz: Ahura Mazda, quando viu esses países se rebelarem e, com isso, (os povos) misturados uns aos outros, então ele mos deu e me confiou a realeza para governá-los. Sob a proteção de Ahura Mazda eu sou rei; eu os recoloquei em seu lugar; e aquilo que eu lhes dizia, eles faziam, conforme aquilo que eu desejava; e quando tu disseres: “quantos eram esses países que possuía o rei Dario?” Vê as imagens deles, os que carregam o meu trono! E, então, tu os terás identificado. Nesse momento, te será conhecido que a lança do homem persa foi longe; nesse momento, te será conhecido que o homem persa fez combate longe, para além de seu país.³⁹

§ 5°. ^mda-a-ri-ia-muš LUGAL i-gab-bi a-ga-a gab-bi šá íb-šu ina GIŠ.MI šá [^da-ḫu-ur]-ma-az-da-’ e-te-pu-uš^d a-ḫu-ur-ma-az-da-’ is-si-dan-nu a-[di] muḫ-ḫi šá a-ga-a e-pu-uš ana-ku^d a-ḫu-ur-ma-az-da-’ li-iš-šur-an-ni la-pa-ni mi-im-ma bi-i-š¹ u a-na É-ia u a-na ma-ti-ia a-ga-a ana-ku a-na^d a-ḫu-ur¹-ma-az-da-’ e-te-ri-iš^d a-ḫu-ur-ma-az-da-’ li-id-din-nu.⁴⁰

§ 5°. O rei Dario diz: isso tudo que houve, sob a proteção de Ahura Mazda eu fiz; Ahura Mazda me ajudou até que eu fizesse isso. Ahura Mazda me proteja de todo mal, bem como a minha casa e meu país! Isso eu pedi a Ahura Mazda. Ahura Mazda me conceda isso.

§ 6°. LÚ šá [^da-ḫu-ur]-ma-az-da-’ ú-ta-’-a-ma ina muḫ-ḫi-ka la i-mar-ru-uš [KASKAL?] šá [xxxxx]-tu [xxx] i-ṭ¹-[x] a-na ḫa-ab-lu ta-[xx].⁴¹

§ 6°. Ó homem! Que a ti não desagrade aquilo que Ahura Mazda ordenou, (...) o caminho (?), aquele que (...) para o injustiçado (...).

Abreviações

AHw = VON SODEN, Wolfram. *Akkadisches Handwörterbuch*. Band III. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1981.

ARI – *Achaemenid Royal Inscriptions*. Dirigido por STOLPER, Matthew; KOZUH, Michael G. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20040804203023/http://oi.uchicago.edu/OI/PROJ/ARI/ARICatalogue.html>. Acesso em: 06 Nov. 2023.

ARlo – *Achaemenid Royal Inscriptions online*. O persa extraído de SCHMITT, Rüdiger. O acadiano, de STOLPER, Matthew; KOZUH, Michael G. *Achaemenid Royal Inscriptions Project*. ARI, 1998. *Die altpersischen Inschriften der Achaimeniden: Editio minor mit deutscher Übersetzung* (2009). Digitado, lematizado e atualizado por HEITMANN-GORDON, Henry (2016-19), para o *Munich Open-access Cuneiform Corpus Initiative* (MOCCI), uma iniciativa de construção de corpus financiada pelo LMU Munich e a *Alexander von Humboldt Foundation* – Departamento para a História Antiga e do Próximo e Médio Oriente da Universidade Alexander von Humboldt – *Historisches Seminar – Abteilung Alte Geschichte da Ludwig-Maximilians-Universität München*. Disponível em: <http://oracc.org/ario/Q007152/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CAD – *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*. 21 v. Chicago: The Oriental Institute; Glückstadt: J. J. Augustin, 1956-2010.

CDA – BLACK, Jeremy; GEORGE, Andrew; POSTGATE, Nicholas. *A Concise Dictionary of Akkadian*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2000.

GAG = VON SODEN, Wolfram. *Grundriss der Akkadischen Grammatik*. Roma: PIB, 1995.

ME = LABAT, René; MALBRAN-LABAT, Florence. *Manuel d’Épigraphie Akkadienne*. Paris: Geuthner, 1988.

ZL = BORGER, Rykle. *Mesopotamisches Zeichenlexikon: Zweite, revidierte und aktualisierte Auflage*. Münster: Ugarit-Verlag, 2010.

Referências

ABRAM, Mary. A New Look at the Mesopotamian Rod and Ring: Emblems of Time and Eternity. *Studia Antiqua*, v. 10, n. 1, 2011, p. 15-36.

BAE, Chul-Hyun. Literary Stemma of King Darius’ (522-486 BCE) Bisitun Inscription: Evidence for the Persian Empire’s Multilingualism. *Eoneohag*, v. 36, 2003, p. 3-32.

BAGG, Ariel. Where is the Public? A New Look at the Brutality Scenes in Neo-Assyrian Royal Inscriptions and Art. In: BATTINI, Laura (ed.). *Realia et Imaginaria in the Iconology of the Ancient Near East*. UK: Archaeopress, 2016.

BASELLO, Gian Pietro; FILIPPONE, Ela; GIOVINAZZO, Grazia; ROSSI, Adriano V. (eds.) *Dariosh Studies I: The Achaemenid Royal Inscriptions in Intertextual Perspective*. Napoli: Ismeo, 2012.

BEAULIEU, Paul-Alain. Official and Vernacular Languages: The Shifting Sands of Imperial and Cultural Identities in First-Millennium B.C. Mesopotamia. In: SANDERS, Seth L. (ed.). *Margins of Writing, Origins of Cultures*. Chicago, Illinois: Oriental Institute of the University of Chicago, 2006, p. 187-216.

BOYCE, Mary. A Tomb for Cassandane. *Acta Iranica*, 23, 1984, p. 67-71.

BRIANT, Pierre. *Histoire de l'Empire Perse: de Cyrus à Alexandre*. Paris: Fayard, 1996.

BROSIUS, Maria. *The Persians*. New York: Routledge, 2006.

CALLIERI, Pierfrancesco. Funerary Customs. A Companion to the Achaemenid Persian Empire. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021, p. 1271-1284. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch87>.

CALLIERI, Pierfrancesco. The Southeastern Regions of the Persian Empire on the Indo-Iranian Frontier: Arachosia, Drangiana, Gedrosia, Sattagydia, Gandhara, and India. In: RADNER, Karen; MOELLER, Nadine; POTTS, D. T. (eds.). *The Oxford History of the Ancient Near East: The Age of Persia (Volume V)*. Oxford: Oxford University Press, 2023, p. 837-886.

CALMEYER, Peter. Zur Genese Altiranischer Motive: III. Felsgräber. *Archäologische Mitteilungen aus Iran* 8, 1975, p. 99-113.

CANEPA, Matthew. Technologies of Memory in Early Sasanian Iran: Achaemenid Sites and Sasanian Identity. *American Journal of Archaeology*, n. 114, 2010, p. 563-596.

CANEPA, Matthew. *The Iranian Expanse: Transforming Royal Identity through Architecture, Landscape, and the Built Environment, 550 BCE-642 CE*. California: University of California Press, 2018.

CAPLICE, Richard; SNELL, Daniel. *Introduction to Akkadian*. 4th Edition. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2002.

DANDAMAEV, Muhammad. Cassandane. *Encyclopaedia Iranica*, v. V, fasc. 1, p. 62, 1990. Disponível em: <https://www.iranicaonline.org/articles/cassandane-wife-of-cyrus-ii-q>. Acesso em: 03 nov. 2023.

DANESHMAND, Parsa. New Phraseology and Literary Style in the Babylonian Version of the Achaemenid Inscriptions. In: ARCHI, Alfonso. *Tradition and Innovation in the Ancient Near East. Proceedings of the 57th Rencontre Assyriologique Internationale at Rome, 4-8 July 2011*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2015, p. 321-334.

DANESHMAND, Parsa. Inscription of Darius I in the National Museum of Iran. 2021. *Cuneiform Digital Library Notes* (v. 2017), Disponível em: <https://cdli.mpiwg-berlin.mpg.de/articles/cdln/2017-2>. Acesso em: 13 nov. 2023.

DARYAEE, Touraj. Memory and History: The Construction of the Past in Late Antique Persia. *Nāme-ye Īrān-e Bāstān*, 2001, p. 1-14.

DELSHAD, Soheil; DOROODI, Mojtaba. DNf: A New Inscription Emerges from the Shadow. *Arta, Achemenet* (March), 2019.

DELSHAD, Soheil. DPg: Ahuramazdā and the Creation of Water, with a New Text Edition. *Iranian Studies*, 2019, p. 1-14. DOI: <https://doi.org/10.1080/00210862.2019.1611372>.

DÉMARE-LAFONT, S. *dātu ša šarri*. La "loi du roi" dans la Babylonie achéménide et Séleucide. *Revue Droit et Cultures*, Paris, v. 52, n. 2, p. 13-26, 2006.

FINN, Jennifer. Gods, Kings, Men: Trilingual Inscriptions and Symbolic Visualizations in the Achaemenid Empire. *Ars Orientalis*, 2011, v. 41, p. 219-275.

FILIPPONE, Ela. The Orders of the King: Reported Directive Quotations in the Achaemenid Royal Inscriptions. In: BADALKHAN, Sabir; BASELLO, Gian Pietro; CHIARA, Matteo de. (eds.). *Iranian Studies in Honour of Adriano V. Rossi*. Napoli: Università degli Studi di Napoli "L'Orientale", 2019, p. 291-324.

FATTORI, Marco. Miscellanea Epigraphica Susiana. Textual observations on some Achaemenid inscriptions from Susa. *Arta 2023.003, Achemenet*, 2023.

FRYE, Richard N. The 'Aramaic' Inscription on the Tomb of Darius. *Iranica Antiqua* XVII, 17, 1982, p. 85-90.

GARRISON, Mark B. By the Favor of Auramazdā. In: IOSSIF, P.; Andrzej S. Chankowski, Catharine C. Iorber (eds.). *More than Men, less than Gods: Studies on Royal Cult and Imperial Worship*. Leuven: Peeters, 2011, p. 15-104.

GARRISON, Mark B. Royal Achaemenid Iconography. In: POTTS, Daniel T. (ed.). *The Oxford Handbook of Ancient Iran*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 566-595.

GARRISON, Mark B. *The Ritual Landscape at Persepolis: Glyptic Imagery from the Persepolis Fortification and Treasury Archives*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2017.

GARRISON, Mark B. Some observations on a scene involving the winged symbol in Persepolitan glyptic. In: GARRISON, Mark B.; HENKELMAN, Wouter F. M. (eds.). *The Persian World and Beyond: Achaemenid and Arsacid Studies in Honour of Bruno Jacobs*. Münster: Zaphon, 2023, p. 197-234.

GRANERØD, Gard. "By the Favour of Ahuramazda I Am king": On the Promulgation of a Persian Propaganda Text among Babylonians and Judaeans. *Journal for the Study of Judaism*, v. 44, 2013, p. 455-480.

GRILLOT-SUSINI, Françoise. *Éléments de Grammaire Élamite*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1987.

GROß, Melanie M. *At the Heart of an Empire: The Royal Household in the Neo-Assyrian Period*. Leuven, Paris, Bristol: Peters, 2020.

HAUBOLD, Johannes. The Achaemenid empire and the sea. *Mediterranean Historical Review*, v. 27, n. 1, 2012, p. 4-23.

HENKELMAN, Wouter. An Elamite Memorial: The Šumar of Cambyses and Hystapes. In: KUHRT, Amélie; HENKELMAN, Wouter (ed.). *A Persian Perspective: Essays in Memory of Helleen Sancisi-Weerdenburg*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2003. p. 101-172.

HENKELMAN, Wouter F. M. *The Other Gods Who Are: Studies in Elamite-Iranian Acculturation Based on the Persepolis Fortification Texts*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2008.

HENKELMAN, Wouter. An Elamite Memorial: The Sumar of Cambyses and Hystapes. In: HENKELMAN, Wouter; KUHRT, Amélie (eds.). *A Persian Perspective: Essays in Memory of Heleen Sancisi-Weerdenburg*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2003, p. 101-172.

HENKELMAN, Wouter F. M. Practice of Worship in the Achaemenid Heartland. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021a, p. 1221-1242.

HENKELMAN, Wouter F. M. The Heartland Pantheon. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021b, p. 1243-1270.

HERZFELD, Ernst. *Altpersische Inschriften: Erster Ergänzungsband zu den Archaeologischen Mitteilungen aus Iran*. Berlin: Dietrich Reimer / Andrews & Steiner, 1938.

HINZ, Walther. *Altiranisches Sprachgut der Nebenüberlieferungen*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975.

HUEHNERGARD, John. *A Grammar of Akkadian*. 3ª Edição. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2011.

JACOBS, Bruno. Herrschaftsideologie und Herrschaftsdarstellung bei den Achämeniden. In: LANFRANCHI, Giovanni; ROLLINGER, Robert. *Concepts of Kingship in Antiquity*. Padova: S.A.R.G.O.N Editrice, 2010, p. 107-113.

JACOBS, Bruno. Achaemenid Art – Art in the Achaemenid Empire. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.) *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken (New Jersey): Wiley Blackwell, 2021, p. 749-768. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch55>.

JONES, Jordan W. An Embodiment of Silence: The Hand-on-Mouth Gesture in the Hebrew Bible and Ancient Near East. In: GARROWAY, Kristine Henriksen; PALMER, Christine Elizabeth; ERISMAN, Angela Roskop (eds.). *The Body Lived, Cultured, Adorned: Essays on Dress and the Body in the Bible and Ancient Near East in Honor of Nili S. Fox*. USA: Hebrew Union College Press, 2022, p. 49-80.

JONKER, Louis C. Achaemenid Understanding of Law and Justice in Darius I's Tomb Inscriptions: Are There Any Connections with Hebrew Bible Pentateuchal Conceptions? *Scandinavian Journal of the Old Testament*, v. 33, n. 1, 2019, p. 24-41.

JONKER, Louis C. Imperialism and Lingualism in Achaemenid Persia. In: JONKER, Louis C.; BERLEJUNG, Angelika; CORNELIUS, Izak (eds.). *Multilingualism in Ancient Contexts: Perspectives from Ancient Near Eastern and Early Christian Contexts*. South Africa: Sun Press, 2021, p. 185-203.

JURSA, Michael. «Höflinge» (ša rēši, ša rēš šarri, ustarbaru) in babylonischen Quellen des ersten Jahrtausends. In: WIESEHÖFER, Josef; ROLLINGER, Robert; LANFRANCHI, Giovanni B. (eds.). *Ctesias' World*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2011, p. 159-173.

KENT, Roland G. *Old Persian: Grammar, Texts, Lexicon*. New Haven, Connecticut: American Oriental Society, 1950.

KLEBER, Kristin (ed.). *Taxation in the Achaemenid Empire*. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 2021.

KLINKOTT, Hilmar. The Satrapies of the Persian Empire in Asia Minor: Lydia, Caria, Lycia, Phrygia, and Cappadocia. In: RADNER, Karen; MOELLER, Nadine; POTTS, D. T. (eds.). *The Oxford History of the Ancient Near East: The Age of Persia*. Oxford: Oxford University Press, 2023, p. 592-648.

KUHRT, Amélie. *The Persian Empire: A Corpus of Sources from the Achaemenid Period*. New York: Routledge, 2007.

LANDSBERGER, B. Die Babylonischen Termini für Gesetz und Recht. In: FRIEDRICH, J.; LAUTNER, J. G.; MILER, J. (eds.). *Symbolae ad Iura Orientis Antiqui Pertinentes Paulo Koschaker Dedicatae*. Leiden: E. J. Brill, 1939, p. 219-234.

LECOQ, Pierre. *Les inscriptions de la Perse achéménide*. Paris: Gallimard, 1997.

LOHWASSER, Angelika. Nubia. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2021, p. 1221-1242.

MACEDO, José Marcos. O Espelho de Príncipes de Dario (DNb): Tradução do Persa Antigo com Breves Comentários Linguísticos. *Translatio*. Porto Alegre, n. 19, Outubro de 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/view/105576>. Acesso em: 26 Jul. 2023.

MALBRAN-LABAT, Florence. *La Version Akkadienne De L'inscription Trilingue De Darius à Behistun*. Roma: Documenta Asiana – Gruppo editoriale internazionale, 1994.

MAY, Natalie Naomi. Neo-Assyrian Eunuch-Scholars. In: MATTILA, Raija; ROLLINGER, Robert; FINK, Sebastian, (eds.). *Deciphering Assyria: A Tribute to Simo Parpola in the Occasion of his 80th Birthday*. Münster: Zaphon, 2023, p. 261-276.

MINEN, Francesca. Flaying the Enemy in Assyria. A Brief Study on Neo-Assyrian Archaeological and Textual Evidence. In: OTTO, Adelheid; HERLES, Michael; KANIUTH, Kai (eds.). *Proceedings of the 11th International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East*, v. 1. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2020, p. 233-244.

MITCHELL, Christine. The Testament of Darius (DNa/DNb) and Constructions of Kings and Kingship in 1-2 Chronicles. In: SILVERMAN, Jason M.; WAERZEGGERS, Caroline (eds.). *Political Memory in and After the Persian Empire*. Atlanta: SBL, 2015, p. 363-380.

MITCHELL, Terence C. Biblical Archaeology in the Persian Period. In: CURTIS, John (ed.). *Studies in Ancient Persia and the Achaemenid Period*. Cambridge: James Clarke & Co. Ltd., 2020, p. 51-157.

NADALI, Davide. Bas-reliefs as a Source for Neo-Assyrian History. In: LANFRANCHI, G. B.; MATTILA, R.; ROLLINGER, R. (eds.). *Writing Neo-Assyrian History: Sources, Problems, and Approaches*. USA: State Archives of Assyria, 2019, p. 329-339.

NYLANDER, Carl. Old Persian and Greek Stonecutting and the Chronology of Achaemenian Monuments: Achaemenian Problems I. *American Journal of Archaeology*, v. 69, n. 1, 1965, p. 49-55.

PINTO, Otávio Luiz Vieira. Pela vontade de Ahura Mazdā. Morte, monumentalidade e Memória na Necrópole Aquemênida de Naqš-e Rostam. *Revista M.*, v. 7, n. 14, 2022, p. 295-313.

POEBEL, Arno. *Studies in Akkadian Grammar*. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1939.

POSENER, G. *La Première Domination Perse en Égypte*. Recueil d'Inscriptions Hiéroglyphiques. Caire: IFAO, 1936.

POTTS, D. T. The Persian Empire under the Achaemenid Dynasty, from Darius I to Darius III. In: RADNER, Karen; MOELLER, Nadine; POTTS, D. T. (eds.). *The Oxford History of the Ancient Near East: The Age of Persia*. Oxford: Oxford University Press, 2023.

RAZMJOU, Shahrokh. Religion and Burial Customs. In: CURTIS, John. TALLIS, Nigel. (eds.). *Forgotten Empire: The World of Ancient Persia*. London: The British Museum Press, 2005, p. 150-156.

RAZMJOU, Shahrokh. Persepolis: A Reinterpretation of Palaces and Their Function. In: CURTIS, John; SIMPSON, St John. *The World of Achaemenid Persia: History, Art, and Society in Iran and the Ancient Near East*. London: I.B. Tauris, 2010, p. 231-246.

RAZMJOU, Shahrokh. Forgotten under the Shadow: An Unidentified Structure at Persepolis. In: DUSINBERRE, Elspeth R. GARRISON, Mark B.; HENKELMAN, Wouter F. M. *The Art of Empire in Achaemenid Persia: Studies in Honour of Margaret Cool Root*. Leiden: NINO, 2020, p. 81-112.

ROLLINGER, Robert. Yaunā Takabarā und Maginnnāta tragende “Ionier”. Zum Problem der “Griechischen” Thronträger-Figuren in Naqsh-e Rostam und Persepolis. In: ROLLINGER, Robert; TRUSCHNEGG, Brigitte (ed.). *Altertum und Mittelmeerraum: Die antike Welt diesseits und jenseits der Levante. Festschrift für Peter W. Haider zum 60. Geburtstag*. Stuttgart: Oriens et Occidens, 2006, p. 365-400.

ROLLINGER, Robert. Das teispidisch-achaimenidische Großreich: Ein ‘Imperium’ avant la lettre? In: GEHLER, Michael; ROLLINGER, Robert (ed.), *Imperien und Reiche in der Weltgeschichte*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2014, p. 149-192.

ROLLINGER, R. The Median Dilemma. In: ROLLINGER, Robert; JACOBS, Bruno (ed.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021, p. 337-350. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch25>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ROOT, Margaret Cool. *The King and Kingship in Achaemenid Art*. Leiden: Brill, 1979.

ROOT, Margaret Cool. Medes and Iranian identity in the Achaemenid social imaginary. In: GARRISON, Mark B.; HENKELMAN, Wouter F. M. (eds.). *The Persian World and Beyond: Achaemenid and Arsacid Studies in Honour of Bruno Jacobs*. Münster: Zaphon, 2023, p. 75-148.

RUSSELL, James R. Burial iii. In: Zoroastrianism. *Encyclopaedia Iranica*. Disponível em: <https://www.iranicaonline.org/articles/burial-iii>. Acesso em: 03 nov. 2023.

SALVINI, Mirjo. Urartu. In: ROLLINGER, Robert; JACOBS, Bruno (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021, p. 351-364. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch26>.

SCHMIDT, Erich F. *Persepolis: Structures, Reliefs, Inscriptions*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1953.

SCHMIDT, Erich F. *Persepolis: The Royal Tombs and Other Monuments*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1970.

SCHMITT, Rüdiger. Zur Bedeutung der Altpersisch /dahyu-/. In: ANREITER, Peter; JEREM, Erzsébet (eds.). *Studia Celtica et Indogermanica. Festschrift für Wolfgang Meid*. Budapest: Archaeolingua, 1999, p. 443-452.

SCHMITT, Rüdiger. *The Old Persian Inscriptions of Naqsh-e Rostam and Persepolis*. London: Corpus Inscriptionum Iranicarum, 2000.

SCHMITT, Rüdiger. *Die altpersischen Inschriften der Achaimeniden. Editio minor mit deutscher Übersetzung*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2009.

SCHMITT, Rüdiger. *Wörterbuch der altpersischen Königinschriften*. München: Reichert Verlag, 2014.

SCHRAMM, Wolfgang. *Akkadische Logogramme*. Göttingen: Universitätsverlag, 2010.

SEGAL, J. B. *Aramaic Texts from North Saqqara*. London: Egypt Exploration Society, 1983.

SEIDL, Ursula. Ein Monument Dariu's I. aus Babylon. *Zeitschrift für Assyriologie*, Bd. 89, S. 101-114, Walter de Gruyter, 1999, p. 101-114. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/zava.1999.89.1.101/html>. Acesso em: 06 nov. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1515/zava.1999.89.1.101>.

SILVERMAN, Jason Michael. Achaemenid Sources and the Problem of Genre. In: FINK, S.; ROLLINGER, R. (eds.). *Conceptualizing Past, Present and Future*. Melammu Symposia, n. 9. Münster: Ugarit-Verlag, 2018, p. 261-278.

SIMS-WILLIAMS, Nicholas. The Final Paragraph of the Tomb-Inscription of Darius I (DNb, 50-60): The Old Persian Text in the Light of an Aramaic Version. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, University of London, 1981, v. 44, n. 1, 1981, p. 1-7.

SKJÆRVØ, Prods Oktor. Old Iranian. In: WINDFUHR, Gernot (ed.). *The Iranian Languages*. London and New York: Routledge, 2009, p. 43-195.

SKJÆRVØ, Prods Oktor. Achaemenid religion. *Religion Compass*, vol. 8, n. 6, 2014, p. 175-187. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/rec3.12110>. Acesso em: 14/11/2023. DOI: <https://doi.org/10.1111/rec3.12110>.

SLANSKI, Kathryn E. The Mesopotamian “Rod and Ring”: Icon of Righteous Kingship and Balance of Power between Palace and Temple. *Proceedings of the British Academy*, 136, 2007, p. 37-59.

STARK, Sören. The Iranian East. In: ROLLINGER, Robert; JACOBS, Bruno (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021, p. 695-710. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch51>.

STRONACH, David. Court Dress and Riding Dress at Persepolis: New Approaches to Old Questions. In: ÁLVAREZ-MON, Javier; GARRISON, Mark B. (eds.). *Elam and Persia*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2011, p. 475-488.

TAVERNIER, Jan. On the value of TU₄ in Late Babylonian. *NABU* 87, 2010, p. 1-4.

TAVERNIER, Jan. Some Thoughts on the ustarbaru. In: KOZUH, Michael; HENKELMAN, Wouter F. M.; JONES, Charles E.; WOODS, Christopher. (eds.). *Extraction & Control: Studies in Honor of Matthew W. Stolper*. Chicago, Illinois: Oriental Institute of Chicago, 2014, p. 297-322.

TOKHTAS'EV, Sergei R. Cimmerians. *Encyclopaedia Iranica*, V/6, P. 563-567, 2011 [1991]. Disponível em: <https://www.iranicaonline.org/articles/cimmerians-nomads>. Acesso em: 16 out. 2023.

TRAINA, Giusto. The Satrapies of the Persian Empire: Media and Armenia. In: RADNER, Karen; MOELLER, Nadine; POTTS, D. T. (eds.). *The Oxford History of the Ancient Near East: The Age of Persia*. Oxford: Oxford University Press, 2023, p. 556-591.

TREUK Medeiros de Araujo, Matheus. A “Inscrição dos Daivā” de Xerxes (XPh/OP): introdução crítica, tradução do persa antigo para o português e comentários. *Heródoto: Revista do grupo de estudos e pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas conexões afro-asiáticas*, n. 7, v. 1, 2023a, p. 91-117. DOI: <https://doi.org/10.34024/herodoto.2022.v7.14817>

TREUK Medeiros de Araujo, Matheus. Achaemenid court eunuchs in their Near Eastern context: images in the longue durée. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 31, 2023b, p. 1-37. DOI: [10.11606/1982-02672023v31e34](https://doi.org/10.11606/1982-02672023v31e34).

TREUK Medeiros de Araujo, Matheus. A “Inscrição do Harém” de Xerxes (XPf): introdução crítica, tradução de XPf/OP para o português, comparação com XPf/AB e comentários. *Topoi (Rio J.)*, v. 25, 2024, p. 1-19, DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02505516>.

VALLAT, François. *Corpus des Inscriptions Royales en Elamite Achéménide*. Paris: Dissertation Université la Sorbonne, 1977.

VALLAT, François. Darius, l'héritier légitime, et les premiers Achéménides. In: ÁLVAREZ-MON, Javier; GARRISON, Mark (eds.). *Elam and Persia*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2011, p. 263-284.

VON GALL, Hubertus. Naqš-E Rostam. *Encyclopaedia Iranica*, 2009. Disponível em: <https://www.iranicaonline.org/articles/naqs-e-rostam>. Acesso em: 03 Nov. 2023.

VON VOIGTLANDER, Elizabeth Nation. *The Bisitun Inscription of Darius the Great: Babylonian Version*. London: Corpus Inscriptionum Iranicarum, 1978.

WATERS, Matt. *Ctesias' Persica and its Near Eastern Context*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2017.

WEISSBACH, F. H. *Die Keilinschriften der Achämeniden*. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1911.

WEISSBACH, F. H. Die Dreisprachige Inschrift Darius Susa e. *Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie*, Bd 44, Heft 1-2, 1938, p. 150-169.

WOODINGTON, Nancy Ruth. *A Grammar of the Neo-Babylonian Letters of the Kunyunjik Collection*. PhD presented to the Yale University, 1982.

ZAHRNT, Michael. Macedonia. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021, p. 639-648.

Notas

- ¹ O autor nota que, em junho de 2025, após a submissão deste artigo, eclodiu uma lamentável e violenta guerra entre Israel e Irã, colocando em risco os cidadãos de ambos os países, bem como o patrimônio histórico e cultural que é objeto deste artigo.
- ² Cf., contudo, Von Gall, 2009: “7.30x7.30x14.12m”. A torre, datada do Período Aquemênida, é frequentemente comparada a outra estrutura análoga de Pasárgada popularmente chamada de *Zendân-e Soleymân*, isto é, a “Prisão de Salomão” – embora a função original de ambas as edificações nos seja desconhecida (Lecoq, 1997, p. 118; Canepa, 2018, p. 161). Boyce chegou a cogitar que *Zendân-e Soleymân* fosse a tumba de Cassandane, esposa de Ciro, o Grande (Boyce, 1984, p. 67-71; Dandamaev, 1990).
- ³ OP = *Old Persian* (persa antigo); AB = *Achaemenid Babylonian* (babilônio Aquemênida); AE = *Achaemenid Elamite* (elamita Aquemênida) (Basello *et al.*, 2012, p. vii-xi).
- ⁴ À exceção da tumba identificada como pertencendo a Artaxerxes II, que traz inscrições nomeando os povos do império (Lecoq, 1997, p. 120).
- ⁵ Dario II (“tumba IV”), Artaxerxes I (“tumba III”) e Xerxes (“tumba II”) (Garrison, 2017, p. 443). O sítio de *Naqsh-e Rostam* foi usado como necrópole por décadas subsequentes, mas, após a ocupação da quarta tumba, os demais reis se fizeram enterrar em sepulcros escavados na parede rochosa em face do complexo de Persépolis, denominado *Kūh-e Rahmat* (Canepa, 2018, p. 214; Pinto, 2022, p. 300). Estes são geralmente identificados como Artaxerxes III (“tumba VI”) e Artaxerxes II (“tumba V”); uma tumba inacabada seria destinada a Dario III (“tumba VII”) (Lecoq, 1997, p. 119; Pinto, 2022, p. 300).
- ⁶ Root baseia seu raciocínio no fato de que o rei Dario não é, aqui, representado junto do príncipe herdeiro, como em relevos tardios. Em vez disso, os relevos associam o monarca às figuras de seus nobres aliados, inclusive aqueles presentes nas guerras de sucessão (522-519 a.C.), à semelhança de Behistun (Root, 1979, p. 75-76; Garrison, 2017, p. 394). Há outras hipóteses de datação (Nylander, 1965, p. 52-53; cf. crítica em Root, 1979, p. 53 e Garrison, 2017, p. 413; Schmidt, 1970, p. 116-118; Briant, 1996, p. 154; Garrison, 2017, p. 391-392).
- ⁷ Cf. Slanski (2007); Abram (2011).
- ⁸ Outros aventam que a figura do disco alado poderia se tratar do *Khvarnah* do rei (Calmeyer, 1975, p. 236; Henkelman, 2021a, p. 1227; e bibliografia em Garrison, 2023, p. 197, n. 2).
- ⁹ “Patiscórios” são descritos pelos autores clássicos como um grupo persa de posição social elevada (Briant, 1996, p. 121; Schmitt, 2000, p. 45).
- ¹⁰ DNc/OP: “*Gaubaruva pātišuvāriš, Dārayavahauš xšāyaθiyahyā ʾrštibara.*” (Schmitt, 2000, p. 45).
- ¹¹ DNd/OP: “*Aspacanā, vaçabara, Dārayavahauš xšāyaθiyahyā isuvām dārayati.*” (Schmitt, 2000, p. 46). Aspathines veste um “traje de cavalaria”, carrega um arco nas costas e segura um machado na mão direita. De sua cintura, pende uma espada persa, a *akinakes*. Para uma discussão do significado da veste de Aspathines (Stronach, 2011, p. 478-481; Root, 2023, p. 86-91). O nome significa “aquele que gosta de cavalos” (Schmitt, 2014, p. 140).
- ¹² Devido aos danos do tempo, houve a perda de até um terço da inscrição. A leitura mais próxima do texto parece ser algo como “(…), o patiscório, saúda Dario” (DNf) (Delshad; Doroodi, 2019, p. 1-9).
- ¹³ A cena é tradicionalmente associada ao culto zoroastriano com “altares de fogo.” A evidência contemporânea, oriunda dos tablets da fortificação e da glíptica, sugere que altares de fogo eram usados em rituais envolvendo libações, banquetes e sacrifícios de animais – que, inclusive, poderiam ser levados ao fogo –, o que difere consideravelmente do culto zoroastriano da Época Sassânida (Garrison, 2011, p. 51-52; Canepa, 2018, p. 156-158).
- ¹⁴ O assim chamado “palácio” de Dario, ou *tacara*, provavelmente cumpria uma função ritual no complexo de Persépolis. Há uma estrutura anexa ao *tacara* recentemente identificada por Razmjou. Ela foi construída, provavelmente, por Xerxes, e teria sido usada para libações rituais (Razmjou, 2020).
- ¹⁵ O “altar” de Dario é único mesmo se comparado às estruturas escalonadas similares encontradas na glíptica, por ter uma base retangular sobre um pódio (Garrison, 2017, p. 250; 290).
- ¹⁶ As estruturas em forma de torre são geralmente maiores do que as figuras humanas e nunca possuem fogo em seu topo (Garrison, 2017, p. 272; 289).
- ¹⁷ Na glíptica persepolitana, estruturas com torre crenelada aparecem em cenas mais estáticas associadas à ideologia real, enquanto estruturas escalonadas surgem associadas a contextos dinâmicos e cerimoniais (Garrison, 2011, p. 53-54; 2017, p. 274-280). Garrison chega a cogitar que a misteriosa torre de *Ka’be-ye Zardošt* evocaria, em conjunto com a plataforma nivelada do relevo, cenas da glíptica nas quais as duas estruturas (torre crenelada e plataforma escalonada) seriam combinadas num mesmo ritual (Garrison, 2017, p. 391-412; cf. também Canepa, 2018, p. 159-161).

- ¹⁸ Estrabão relata uma situação similar, restringindo a prática da escaruação ao caso dos sacerdotes (15.3.20).
- ¹⁹ Canepa, contudo, entende que os mausoléus Aquemênidas representariam um cuidado específico em segregar os corpos dos reis do contato direto com a terra (2018, p. 214).
- ²⁰ A fim de comprovar esse nexos, eu desenvolvi reflexões detalhadas sobre os relevos monumentais de *ša rēši* e *vaça-barā* e suas conexões funerárias no 69th *Rencontre Assyriologique Internationale*, em 2024, em Helsinki, e que serão publicadas futuramente na forma de um capítulo de livro. A fala foi intitulada *Imperial Ancestral Cults and Beardless Attendants in Nimrud and Persepolis: Some Possible Analogies*. 69th *Rencontre Assyriologique Internationale*, Helsinki, 12 de julho de 2024. Ver também Treuk (2023b, p. 9-10).
- ²¹ As inscrições DNa/OP e DNa/AE, que, como dito, se encontram no registro superior da fachada da tumba, foram grafadas logo atrás da imagem do rei, à esquerda (Schmidt, 1970, p. 84; pls. 32-33). A inscrição em acadiano (DNa/AB) se encontra acima dos carregadores de armas, numa seção perpendicular à cena principal – amiúde difícil de ser vista pelas fotos do monumento hoje mais conhecidas (Schmidt, 1970, pl. 31).
- ²² DNa pode ser assim dividida: §1º, uma introdução cosmogônica; §2º, titulação de Dario; §3º, lista de povos; §4º, relato sobre terra em revolta e proeza do homem persa; e §5º, petição a Ahura Mazda.
- ²³ Para seu conteúdo e seções, cf. Macedo (2020).
- ²⁴ Uma vez que Henning teria lá identificado o nome de Seleuco I (Mitchell, 2020, p. 68-69).
- ²⁵ A melhor prova disso é a descoberta de DNf, que só ocorreu em 2018, graças às condições favoráveis de luz e tempo (Delshad; Doroodi, 2019). Novas inscrições continuam a ser publicadas. Uma inscrição persa, por exemplo, foi identificada e publicada em 2023, por Marco Fattori (A²Se; Fattori, 2023).
- ²⁶ Não se olvide, ademais, que DNa e DNb se endereçavam ao sucessor do rei, o que fica claro não só pelo contexto fundacional de algumas inscrições, mas também pela natureza do apelo dessas proclamações a um futuro leitor, que, presumivelmente, seria detentor de certas prerrogativas especiais (Jacobs, 2010, p. 110-111; Mitchell, 2015, p. 368). Seguindo as reflexões vindas da assiriologia (Bagg, 2016; Nadali, 2019; Minen, 2020, p. 233-24), me parece equivocado subsumir as inscrições monumentais a atos de propaganda. Em vez disso, os reis persas decerto prefeririam empregar, como meio de persuasão, uma série de atos de violência perpetrados contra insurretos, incluindo enforcamentos, mutilações e empalamentos excruciantes, geralmente realizados em lugares de ampla circulação (DB §32, 33, 43 etc.). Tais torturas parecem mais bem se adequar à categoria de “propaganda”, sendo mais visíveis, compreensíveis e dissuasórias do que textos e relevos complexos situados em locais virtualmente inacessíveis. Parece correta Finn, ademais, ao sugerir que a audiência das inscrições seria mormente cósmica. A comparação feita por essa autora entre os relevos monumentais com inscrições trilingues, de um lado, e as convenções iconográficas de selos reais trilingues “de estilo da corte”, de outro, indica um programa unificado de evocações numinosas (2011).
- ²⁷ À exceção de Behistun. O nobre Aspathines, aliás, é intitulado *vaçabara*, uma categoria que, como vimos, guarda relação com os funerais régios e cuja presença na imagética do complexo, portanto, não é fortuita.
- ²⁸ Cf. também de Saulcy, 1850 (*apud* Delshad, 2019, p. 8-9).
- ²⁹ A futura publicação do *DARIOSH Studies III*, por Salman Aliyari Babolghani, anunciada em 2025, aparentemente conta apenas com parte das inscrições de Susa, e ainda não contém as inscrições de *Naqsh-e Rostam*.
- ³⁰ Antigo *Oriental Institute of Chicago*, atual *Institute for the Study of Ancient Cultures*.
- ³¹ Em Weissbach (1911) os logogramas são normalizados com os vocábulos acadianos correspondentes. Na versão abaixo iremos grafar tais palavras indicando os sumerogramas usados: DUMU em vez da realização acadiana *māru(m)*, DINGIR em vez da realização acadiana *ilu(m)*, e assim em diante. Além disso, consideramos as listagens atuais na transliteração (cf. ME; ZL; cf. o próprio Weissbach, 1938, p. 157). Na edição de Weissbach (1911), DNa e DNb são chamadas de NRa e NRb.
- ³² Há casos de verbos escritos com “vogais pletóricas” (“u” ou “i” adicionais em relação à forma clássica) ou verbos defectivos (com síncope vocálica) (Malbran-Labat, 1993, p. 22-25).
- ³³ Abreviações usadas neste artigo: ac. = acusativo; adj. = adjetivo; adv. = advérbio; atv. = ativo; c. = comum; dat. = dativo; dem. = demonstrativo; estat. = estativo; f. = feminino; gen. = genitivo; imp. = imperativo; instr. = instrumental; indef. = indefinido; int. = interrogativo; ipf. = imperfeito; indep. = independente; m; = masculino; NB = Neobabilônico; nom. = nominativo; obl. = oblíquo; p. = pessoa / pessoal; pl. = plural; pr. = precativo; prep. = preposição; pres. = presente; pret. = pretérito; pron. = pronome; s. = singular; sub. = substantivo; suf. = sufixo; v. = verbo; vent. = ventivo; vet. = vetitivo.

- ³⁴ Jonker fala das três línguas monumentais como “veículos da ideologia imperial”, e o aramaico como meramente pragmático (2021, p. 185; 199-200). Na verdade, me parece ser justamente o contrário: o veículo, isto é, aquilo que fazia circular a produção ideológica do centro imperial, era o aramaico, o demótico, entre outras grafias e escritas, enquanto as escritas monumentais cumpriam um papel muito mais simbólico, dada a sua relativa inacessibilidade.
- ³⁵ A partir da leitura deste documento, foi elaborada uma lista de sinais cuneiformes do Babilônio Aquemênida, depositada no repositório “Zenodo”. A leitura sinal por sinal está também em uma aba desse banco de dados. O material pode ser consultado em: TREUK MEDEIROS DE ARAUJO, M. (2025). Achaemenid Babylonian (AB) cuneiform sign list, based on DNa/AB [Data set]. (Version 2.0). Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.15014444>.
- ³⁶ **§ 1º. DINGIR^{mes}**. A borda esquerda da rocha está muito desgastada e, ao lado direito, há uma fenda. Na imagem fornecida pelo ISAC, os sinais DINGIR e MES (marcador de pluralidade) são visíveis, significando, a rigor, “deuses”. Weissbach pressupõe o sinal DINGIR anteposto a DINGIR^{mes} (1911, p. 87: [ilu] ilan^{mes}), mas, pela imagem, não há espaço para mais um sinal cuneiforme. Tal reconstrução foi pensada para dar sentido ao uso do pl.: “deus dos deuses é o grande Ahura Mazda” (“Der Gott der Götter (ist) der große A.”; 1911, p. 86). Analisando uma estrutura muito similar em DSe, Daneshmand e, antes dele, o próprio Weissbach, defenderam tratar-se de um “plural honorífico” (Weissbach, 1938, p. 165-166; Daneshmand, 2021). Assim, e tendo em conta o equivalente em persa antigo (*baga vazrka Auramazdā*), traduzimos o trecho como s. **GAL-u** ‘a-**hu-ur-ma-az-da**’. Essa sequência é clara. Para o *aleph* final no nome de Ahura Mazda, foi aventado que pudesse demarcar nomes de origem iraniana (Malbran-Labat, 1994, p. 22-23). **Ahura Mazda**. Ahura Mazda é a deidade suprema do panteão iraniano. **šá AN-e u KI-ti [ib]-nu-u**. “Que criou os céus e a terra”. Em persa antigo, os substantivos terra e céu (nessa ordem) são antecidos por pron. dem.: “esta terra / aquele céu” (*imām būmin / avam asmānam*). Weissbach não demarca o complemento fonético em “KI-ti” (*eršeti*) – isto é, ele não grafa separadamente o sinal *tī* (ME 73, ZL 118), embora este seja visível na pedra. Por outro lado, Weissbach indica o complemento fonético de forma sobrescrita em *šamē* (1911, p. 87). **u UN^{mes} ib-nu-ú**. “E que criou a humanidade”. O sumerograma UN (ME 312, ZL 501) é realizado como *nīšū* em acadiano (Schramm, 2009, p. 158): “as gentes”, “os povos”. Em persa antigo, “o homem” (*martiya*-.). **dum-qī (...) ib-nu-u**. A palavra acadiana *dum-qī* corresponde aqui ao persa *šiyāti*-, um conceito relacionado à paz e felicidade terreneis, associadas à criação de Ahura Mazda (Schmitt, 2014, p. 248). Na construção “*ana NP LUGAL banū*”, o uso da prep. *ana* é peculiar (Daneshmand, 2015, p. 329). Os v. *banū(m)* (criar) e *nadānu(m)* (dar) estão no tema G pret. 3ª p. s. m., com marcador de subordinação (ou, se se preferir, no “modo subjuntivo”), introduzidos pelo pron. relativo *ša*. Para a palavra *ma-du-tu₄* (“muitos”; CAD, m/1, p. 20-24; Huehnergard, 2011, p. 507; *tu₄* pode ter tido valor -*tī*, portanto marcando o obl.; cf. Tavernier, 2010). Em relação ao texto persa, falta o título “um comandante entre muitos” (*aivam parūnām framātāram*; Schmitt, 2009, p. 100), que está presente em outras versões acadianas da fórmula (CAD, m/2, p. 319-320; cf. Treuk, 2024, p. 9).
- ³⁷ **§ 2.º [ana]-ku (...) LUGAL LUGAL^{mes}**. Trecho contendo a titulação real de Dario (“grande rei, rei dos reis”) e que reproduz de perto a versão persa. **LUGAL (...) gab-bi**. O sumerograma EME (ME 32, ZL 61) é aqui usado para realizar o acadiano *lišānū*, “línguas” (Schramm, 2009, p. 43). O termo acadiano *napḥaru* (CAD, n/1, p. 292-295) significa “a soma de, todo”, e *gabbu*, “a totalidade de” (CAD, g, p. 4-5; CDA, p. 87). A expressão significaria “países da totalidade de todas as línguas” (Basello et al., 2012, p. 90; cf. CAD, n/1, p. 294). A versão em persa antigo é diferente, porque fala dos países “de todas as estirpes” (*vizpazanānām*; Schmitt, 2009, p. 101; Daneshmand, 2015, p. 330). **LUGAL (...) ‘ra’-bi-tú**. a palavra “*qaqqaru*” não é acompanhada do pron. dem. *agga*, como sói acontecer nesta fórmula cosmogônica (“esta terra”) (CAD, q, p. 123; CDA, 284); *rūqtu* é a forma f. de *rūqu*, que significa “distante” (CAD, r, p. 421), isto é, “extensa”; *rabītu* é a forma f. de *rabū*, “grande” (CAD, r, p. 26). **A ‘uš-‘ta’-as-pa (...) ‘par-sa-a-a**. O logograma “A” é realizado aqui como *aplum*, “filho, herdeiro” (CDA, p. 20; na forma vinculada: *apil*). A versão persa acrescenta: “um ariano, de estirpe ariana” (*Ariya, Ariyaciça*).
- ³⁸ **§ 3.º ‘da-a-ri-ia-muš (...) i-gab-bi**: “O rei Dario diz” é uma fórmula de ditado real com o v. *qabū(m)*, “dizer”, conjugado no tema G pres. da 3ª p. s. m. (cf. Huehnergard, 2011, p. 638). Não precisa ser traduzida como a enfática persa correspondente, “Diz Dario, o rei”, uma vez que não há topicalização. **ina (...) ‘a-**hu-ur-ma-az-da**’**. Em persa antigo, o correspondente para *ina* GIŠ.MI (i.e., *ina šilli*, “sob a proteção”, a “sombra”) é o instr. de *vašna* (“vontade”), mas a mensagem é fundamentalmente a mesma: o que o rei fez foi aprovado por Ahura Mazda (Basello et al., 2012, p. 61). **an-ni-ti KUR.KUR^{mes} (...) ‘kur-par-su**. Aqui é introduzida uma “lista de países” (OP: *dahyāva*), sendo que o acadiano emprega uma terminologia que se coaduna com o sentido precipuamente físico do correspondente persa, *dahyu*- (Schmitt, 1999, p. 443): KUR.KUR^{mes} (*mātātī*; cf. CAD, m/1, p. 414-418). **u ana-ku (...) i-na-āš-šu-nu**. O uso de “*muḥḥu*” com a prep. *ina*, traduzido aqui como “sobre” (*ina muḥḥi*; CAD, m/2, p. 175; Malbran-Labat, 1994, p. 30). Há o acréscimo de um suf. pron. -*šunu* (3ª p. m. pl.), o referente sendo, implicitamente, as pessoas que habitam os países, uma vez que *mātātu* é sub. pl. f. O v. é *šalātu(m)* (“governar”, “ter controle”) e está no estat. (ou “permansivo”), 1ª p. s. c., “*šaltāk*” (CAD, š/1, p. 238; Herzfeld, 1938, p. 30): “eu fui o governante deles.” A terminação da 1ª p. s. c. do estat. figura como *āk* além de *āku* (Woodington, 1982, p. 93). O termo acadiano *mandattu* significa meramente uma quantia devida, podendo se referir a tributos no geral (Kleber, 2021, p. 134). O v. aqui conjugado como *inaššū* (tema G pres. 3ª p. pl. m.) é *našū(m)* (CAD, n2, p. 87). A terminação -(*an*) *nu/i* é marca de suf. pron. 1ª p. s. c. (Woodington, 1982, p. 30-42; Malbran-Labat, 1994, p. 36; 59). O uso do pres. é comum para descrever o “funcionamento” do reino de Dario (aspecto de ação contínua) – assim também no v. seguinte

(Malbran-Labat, 1994, p. 51-52). **šā (...)** **ig-gab-ba-āš-šū-nu**. IGI (ME 449, ZL 724) é realizado como *pānu* em acadiano (Schramm, 2009, p. 71); *lapānia attūa* significa “por mim mesmo” (CDA, p. 177; Malbran-Labat, 1994, p. 38; para o uso do pronome *attū*- no AB, cf. Daneshmand, 2015, p. 327-328); *ig-gab-ba-āš-šū-nu* é uma forma pass. (i.e., tema N, com infixo *-n* assimilado à consoante seguinte, que, portanto, é duplicada) do v. *qabû(m)* (pres. 3ª p.), à qual se junta o suf. pron. da 3ª p. pl. m. – seria esperado um dat. *-(aš)šunūt(u/i)* (Woodington, 1983, p. 37): “as coisas que lhes eram ditas por mim”, “aquilo que lhes era dito por mim”. **[a]-‘na’ ap-bit-tú ip-pu-uš-‘šū’-’**. O primeiro sinal, lido por Weissbach como *ana* (ME 480, ZL 748), não corresponde à leitura que faço do monumento. Na verdade, me parece que um sinal vertical é aqui antecedido de duas linhas horizontais. Em minha reconstrução, ele deve corresponder ao sinal *na* (ME 381, ZL 596) parcialmente legível, antecedido de *a* (ME 579, ZL 839), que não é legível. A expressão *ana appittu* significa “exatamente dessa forma” (CAD, a/2, p. 184; CDA, p. 20); *īpušū* é tema G pret. 3ª p. pl. m. do v. *epēšu(m)*, i.e. “eles fizeram” (Huehnergard, 2011, p. 630). **u (...)** **kul-lu’-’**. Eles mantiveram as minhas “leis” (Daneshman, 2019, p. 328). Desde a primeira metade do século passado, sabe-se que *dīnātu*, pl. de *dīnu*, refere-se a decisões emanadas por autoridades superiores, isto é, “vereditos” ou “sentenças”, não havendo, na Mesopotâmia, um termo precisamente equivalente à nossa noção de “lei estatutária” (*Gesetz*) ou direito (*Recht*) (Landsberger, 1939). O correspondente em persa antigo é *dāta-* (Démare-Lafont, 2006), e a sentença da versão persa emprega uma forma atv. ipf. do v. *dar-*: “a lei, a que era minha, aquela os manteve (unidos)” (*dātam taya manā avadiš adāraya*; cf. Schmitt, 2009, p. 102; 2014, p. 164; 166). O v. acadiano *kullū* aqui está numa forma do estat. tema D 3ª p. pl. m. (Malbran-Labat, 1994, p. 55). **kurma-da-a-a**. Média (*Mādāya*; cf. GAG, p. 85 para o aformativo *-ay* de gentílicos; Rollinger, 2021, p. 338-339), com centro em Ecbátana. A importância dessa província é corroborada por seu lugar inicial nas listas reais, logo após a Pérsia (Traina, 2023, p. 558). **kur¹ELAM.MA^{ki}**. O Elam (Malbran-Labat, 1994, p. 171; Schramm, 2010, p. 43), com centro em Susa. **kur¹a-re-e-mu**. A província da Ária (para a transl. *a-re-e-um* em vez de *a-ri-e-um*, cf. BAE, 2001, p. 84). **kur¹ba’--‘ah’-tar**. *Bahtar* é o nome acadiano para a região da Bactria, correspondendo, grosso modo, ao moderno Afeganistão. Foi uma importante província durante o Período Aquemênida (Stark, 2021, p. 702-703). **kur¹su-ug-du**. Sogdiana, a região centro-asiática ao norte do rio Amu Darya (Stark, 2021, p. 703). **kur¹hu-ma-ri-iz-ma’-’**. Corásmia, ao sul do rio Amu Darya (Stark, 2021, p. 704). **kur¹za-ra-an-‘ga’**. Drangiana, centrada no baixo *Hilmand-rūd* (Stark, 2021, p. 705). **kur¹ra-ḥa-at-ti’-’**. Aracósia, próxima da região de *Kandahār* (Stark, 2021, p. 705-706). **kur¹sa-at-gu-šū**. Satagídia, provavelmente centrada em alguma parte do atual Punjab paquistanês (Callieri, 2023, p. 860-863). **kur¹gan’-da-ri [kur¹in-du]-‘ú’**. Para a reconstrução da segunda palavra, sigo Weissbach, uma vez que apenas parte do último sinal é legível. Gandara e Hinduš seriam as regiões mais orientais do império, ao sul do Hindukush, na bacia do Rio Indo (Callieri, 2023, p. 863). **kur¹[gi-mir]-ri mū-mu-ur-ga’-’**. Reproduzo a reconstrução de Weissbach no trecho danificado, o qual me é ilegível. O termo *gimirri* pode designar, além dos cimérios, os citas e outros povos nômades das estepes, “refletindo a percepção entre os habitantes da Mesopotâmia de que os cimérios e os citas representavam um único grupo econômico e cultural” (Tokhtas’EV, 2011 [1991]). O termo *ū-mu-ur-ga’* corresponde ao persa *haumavargā*, “os que bebem haoma” (Schmitt, 2012 [2003]). **kur¹gi-‘mir’-ri [šā] ‘kar’-bal-‘la’-ti-šū-[nu]**. Mais uma vez, o termo *gimirri*, qualificado por uma oração relativa. O termo acadiano *karballatu* significa uma espécie de chapéu de linho usado por soldados (CAD, k, p. 215; CDA, p. 149) e, aqui, está seguido do suf. pron. poss. *-šunu* (3ª p. pl. m.). É qualificado como grande, *rabū*. Conforme o correspondente veteropersa, “chapéu pontudo” (*tigraxaudā*) (Schmitt, 2000, p. 29; *tigra-* “pontudo” e *xaudā-* “chapéu”, cf. Schmitt, 2014, p. 254; 283). Dario teria marchado contra os *sakā tigraxaudā* (“citas de chapéu pontudo”) na primavera de 519 a.C., quando derrotou seu líder, Skunkha, figurado no célebre relevo de Behistun. A localização desses citas é debatida na bibliografia especializada. Alguns os consideram idênticos aos masságetas que teriam assassinado Ciro, o Grande. Outros os situam na Ásia Central, entre os rios Amu Dária e Sir Dária. Por fim, há aqueles que os localizam no Mar de Mármora, no norte da Anatólia. Para esse debate, cf. Potts (2023, p. 437 e n. 56). **DIN.TIR^{ki}**. A região da Babilônia (Malbran-Labat, 1994, p. 171). **kur¹aš-šur^{ki}**. Trata-se da Assíria. **kur¹[a]-ra-bi**. Arábia (Von Voigtlander, 1978, p. 54; Malbran-Labat, 1994, p. 107). **kur¹mi-šir’**. O Egito (Von Voigtlander, 1978, p. 54; Malbran-Labat, 1994, p. 107). **kur¹ū’-[ra-āš]-‘tu’**. *Uraštu*, usado tradicionalmente para designar o império de Urartu, passa a corresponder à Armênia à época de Dario (Salvini, 2021, p. 359). **kur¹ka-at-pa-tuk-ka**. Capadócia (Klinkott, 2023, p. 627-631). **kur¹sa-par-da**. “Sparda”, isto é, a Lídia. **kur¹ia’-ma-nu**. Os “jônios”, etnônimo impreciso para um grupo ao extremo oeste, incluindo os “gregos” (Rollinger, 2006). **kur¹[gi]-mir-[ri] (...)** **kur¹mar-ra-tu⁴**. O adv. *aḥullā* significa “além de”, “na outra margem” (CAD, a/1, p. 216). A palavra *marratu*, precedida de determinativo para “rios”, pode ser traduzida como “mar” (CAD, m/1, p. 285), sendo também um termo associado aos confins do mundo na cosmologia mesopotâmica: o “rio amargo” (Haubold, 2012). **kur¹is-‘ku’-du-ru**. O “trácio” (HINZ, 1975, p. 224), embora a identificação de Skudra com a Trácia seja discutida (Schmitt, 2014, p. 244). **[kur¹ia]-ma-nu (...)** **na-šū-u**. “Os outros jônios que trazem *maginnāta* em suas cabeças”. “*maginnu*” seria um tipo de chapéu, alegadamente o pétasos (CAD, m/1, p. 44 et seq.). No entanto, Rollinger nega que se trate de um pétasos (2006). Eu apresentei, alhures, detalhes sobre o debate quanto à identificação deste grupo aos “macedônios” (Treuk, 2023a, p. 103; cf. Zahrnt, 2021, p. 642, n. 11, com bibliografia). **kur¹pu-ū-ṭa**. A “Líbia”, ao oeste do Nilo – talvez do egípcio *Pyt* (Posener, 1936, p. 186). **kur¹[ku]-ū-šū**. A região da Núbia ou Etiópia nas fontes clássicas (Lohwasser, 2021). **kur¹maš-du-ū**. Weissbach lê “*maš-ū*”. Pela versão persa correspondente, trata-se da Mácia (Máciya-; cf. Schmitt, 2000, p. 29), que é geralmente designada pelo etnônimo *ma-ka* em acadiano (Malbran-Labat, 1994, p. 94). **kur¹kar-sa**. *Karka* na versão persa, talvez os cários (Schmitt, 2014, p. 203).

³⁹ § 4.º ^{ra}**a¹-ḥu-ur-ma-az-da-** (...) **su-um-mu-ḥu**. *kî*: quando, assim que (CDA, k, p. 316). *īmuru*, G pret. 3ª p. s. m. (com marcador de subordinação) do v. *amāru(m)*. O v. para “tornar-se / ser hostil”, i.e., “rebelar-se”, é *nakāru* (*nikru* é uma variante NB de *nakru* “hostil”, cf. CAD, n/1, p. 189 *et seq.*; CDA, p. 234), no estat., ao qual se junta a enclítica *-ma* (CAD, n/1, p. 159). Para a expressão adverbial *ana libbi*, cf. CDA, 181; CAD,, I, p. 175; Malbran-Labat, 1994, p. 30; o uso da enclítica *-ma* indicando sequência lógica entre as duas orações reforça a interpretação aqui fornecida (Huehnergard, 2011, p. 50). *aḥāmeš*: adv. “um ao outro” (CAD, a/1, p. 164; CDA, p. 7); adj. *summuḥū*: “misturados” (CAD, s, p. 381). Nessa oração talvez seja subentendido um m. para aqueles dentro desses países (cf. Rollinger, 2014, p. 157). **ār-ki (...) ip-te-qid-an-[ni]**. *warki* é uma conj. de tempo, aqui iniciada com “a”, como ocorre nos dialetos babilônicos (Huehnergard, 2011, p. 289; 600). “Para mim” (*ana-ku*, ainda que no dat., é usada essa forma do pron. indep.; cf. acima); *id-dan-[na]-āš-ši-ni-ti* “Ele mos deus”: v. *nadānu(m)* no tema G. pret. 3ª p. s. m. *iddin*, com suf. pron. da 1ª p. s. c. dat., “para mim”, e suf. pron. da 3ª p. pl. f. ac., “as” (forma esperada seria *-šināti*; o suf. pron. pl. f. é atestado, na forma clássica, neste mesmo parágrafo, assim como em Behistun; cf. Malbran-Labat, 1994, p. 45), concordando com o sub. pl. f. *mātātu*. Na sequência, “e me confiou o governo sobre elas / delas.” O v. é *paqādu(m)*, G. 3ª p. s. m. perf., “confiar (algo a alguém)”, com suf. pron. da 1ª pes. s. c., “para mim.” O objeto é *šarrūtu*, o conceito de monarquia em abstrato (“governo real, a realeza”), grafado com um sumerograma e complemento fonético, e marcado pela prep. *ana* (o que “compensa” a ausência da desinência do caso obl.). A expressão *ina muḥ-ḥi-ši-na* é complemento que contém um suf. pron. poss. da 3ª p. pl. f. *-šina*, concordando com *mātātu*. **ana-ku (...) ul-te-šib-ši-na-a-tū**. A seguir, o rei fala de como colocou os países em seu devido lugar, isto é, colocou ordem na terra tumultuada: “*ašrīššina*” é o substantivo *ašru(m)* (“lugar”) + suf. pron. poss. da 3ª p. pl. f., *šina*. “*ul-te-šib-ši-na-a-tū*”; v. “*wašābu*” (sentar, morar) na forma do tema D (factitivo) perf. (o encontro de sibilante com outra sibilante ou uma dental após o Período Paleobabilônico resulta em “l”; cf. Caplice; Snell, 2002, §83,l), seguido do suf. pron. da 3ª p. pl. f. ac., “as” (*-šinātu*). **u (...) ši-ba-a-ka**. A forma *agabbi-* é um pres. G da 1ª p. s. c., com o suf. pron. da 3ª p. pl. f. ac. (*-šinātu*). “E aquilo que eu lhes dizia, eles faziam, conforme aquilo que eu desejava.” O v. *epēšu(m)* está na forma G pret. da 3ª p. pl. f.: *īpušā*; *libbū*, “conforme a” (CAD, I, p. 173); *šebū(m)* é o v. “desejar”, aqui na forma no estat. da 1ª p. s. c. (CAD, s, p. 119). **u ki-i (...) kul-lu**. “E quando tu disseres”, expressão formada como o pres. G na 2ª p. s. m. do v. *qabū(m)*, com o marcador de subordinação: *taqabbū*; *umma* é partícula introduzindo o discurso direto (CAD, u, p. 101; CDA, p. 421; Filippone, 2019, p. 293); *akka'ikī* é o pron. int. “quantos?” (CAD, a/1, p. 274; CDA, p. 10). A forma conjugada *ibšā* é um G. 3ª p. pl. f. pret. de *bašūm*, “existir”. Pron. dem. *annūtu* (Malbran-Labat, 1994, p. 43). **NU^{mes}-šū-nu (...) na-[šū]-u**. O logograma NU é realizado aqui como *šalmu*, “imagem, escultura, relevo” (Schramm, 2010, p. 116) e, aqui, está no pl. (seguido de ^{mes}), com suf. pron. poss. da 3ª p. pl. m., “as imagens deles”, os que carregam (*inaššū*, v. *našūm* no G 3ª p. pl. m. pres.) “o meu trono” – ^{mes}GU.ZA é realizado como *kussū*, trono (Schramm, 2010, p. 65). *amur* é o imp. G do v. *amāru(m)* (2ª p. s. m.). **ina lib-bi (...) il-lik**. Para a expressão *ina libbi* como “então, por conseguinte”, cf. CAD (I, p. 174). *tumassišunūtu* é a forma de 2ª p. s. m. pret. do v. *mussū(m)*, “identificar, distinguir” (AHw, III, p. 1497). O suf. pron. pessoal da 3ª p. pl. m. em AB é *-šunūtu* (cf. Malbran-Labat, 1994, p. 45; Woodington, 1982, p. 37). *ina u₄-mu-šu-ma*, “naquele tempo, então, nesse momento” (CAD, u, p. 148). *imnindakka* é uma forma D do v. *idū*, “saber”, com o suf. pron. da 2ª p. s. m. -ka: “para você (será) conhecido” (CAD, m/2, p. 3; CAD, i, p. 34). “A lança dele, aquela do homem persa...”. *azmarū* seria a grafia padrão para “lança” em acadiano (CAD, a/2, p. 51; 527-528; em OP, *ṛšti-*; cf. Schmitt, 2014, p. 239). “Ela foi”, v. *alāku(m)*, conjugado na 3ª p. s. m. pret. G: *illik* longe (*rūqu*, “distante”; CAD, r, p. 421). **ina u₄-mu-šu-ma (...) [e-pū]-uš**. “para além” (*ultu*, variante de *ištu*; CAD, i, p. 286); de seu país (*māti-šu*); “fez” (*īpuš*, G 3ª p. s. m. pret. do v. *epēšum*); “combate” (*šal-tam*, no ac.; Malbran-Labat, 1994, p. 156), cf. “*šālu(m)*”, “combater” (CAD, s, p. 89). *[e-pū]-uš* é reconstrução de Weissbach – não vejo qualquer parte dos dois primeiros sinais na fotografia. **Divergências entre as versões AB e OP**. A versão acadiana difere consideravelmente da versão persa, que traduz a totalidade dos países por “terra” (*bumī*), a qual é descrita “em comoção” (com o v. *yaud-*) (Lecoq, 1997, p. 220; Schmitt, 2000, p. 29; 2014, p. 292). Em persa, o que é outorgado a Dario é a “terra”, não a “realeza” (*šarrūtu*) – o que talvez indique que, para os persas, o conceito de *bumī* incluía a prerrogativa de governo e, assim, a noção de império. Ao final, na versão persa, em vez de falar-se do “combate”, menciona-se, aparentemente, o massacre do “inimigo” (Schmitt, 2014, p. 226).

⁴⁰ § 5.º ^{ma}**da-a-ri-ia-muš (...) e-te-pu-uš**. O pronome demonstrativo *agā* é mais utilizado em períodos tardios (CAD, a/1, p. 137-139; Daneshmand, 2015, p. 326). O termo *gabbu*, “a totalidade de”, é pós-posicionado ao sub. que qualifica (CAD, g, p. 4-5; CDA, p. 87). Interpreto *ib-šu* como uma forma do v. *bašūm* G da 3ª p. s. m. pret., com marcador do subjuntivo: *ibšū*. **a¹-ḥu-ur-ma-az-da-** **is-si-dan-nu a-[di] muḥ-ḥi šā a-ga-a-e-pu-uš**. O termo *is-si-dan-nu* foi outrora entendido como *issidannu* (Poebel, 1939, p. x), mas deve trata-se de uma forma do v. *sēdu*, “ajudar” G 3ª p. s. m. perf. com final do vent. ou suf. pron. da 1ª p. s. c. (CAD, s, p. 206; Malbran-Labat, 1994, p. 155). *adi muḥḥi*: “até que” (Malbran-Labat, 1994, p. 125; CAD, a/1, p. 115). *ēpuš* é a forma G da 1ª p. s. c. pret. do v. *epēšu(m)*. **ana-ku (...) e-te-ri-iš**. A forma *lišsuranni* é o tema G. da 1ª p. s. c. prec. do v. *našārum* (“proteger”) com suf. pron. da 1ª p. s. c. (Woodington, 1983, p. 37); *lapāni-*, “de” (Malbran-Labat, 1994, p. 30), *mimma*, pron. indef. p. “qualquer” (Huehnergard, 2011, p. 123-124), *bīšu*, “mal” (CAD, b, p. 270). Para esse trecho inteiro, cf. CAD (b, p. 271). Alguns argumentam que o pron. *anāku* em posição inicial nesta sentença seria uma “topicalização por preposição” (Basello *et al.*, 2012, p. 86; cf. Huehnergard, 2011, p. 211-212). A prep. *ana* é usada para marcar o objeto direto. O logograma É indica a palavra *bītu* (casa), seguida do suf. poss. pron. da 1ª pes. s. c. O mesmo sufixo é apensado à palavra *mātu*, país. O v. *ēteriš* é a forma do perf. G na 1ª p. s. c. do v. *erēšu(m)*. **a¹-ḥu-ur-ma-az-da- li-id-din-nu**. O v. é *nadādu(m)*, conjugado no tema G 3ª p. s. m. prec., *liddid*, com suf. pron. da 1ª p. s. c. (Woodington, 1983, p. 37).

⁴¹ § 6.º **LÚ šá [a-ḥu-ur]-ma-az-da-**. Trecho de difícil leitura. A sequência [a-ḥu-ur] me é totalmente ilegível e reconstruída com base no final do nome do deus. **LÚ šá (...) i-mar-ru-uš**. Daneshmand, 2015, p. 329, diz: “O verbo *tū umu* ‘ordenar, comandar’ só ocorreu nas inscrições Aquemênidas: ‘*amēlu Ahurmazda ú-ta-’-a-ma ina muhḥika lā imarruš*’ que aquilo que Ahura Mazda ordenou não te desagrade (VAB 3 91:35). (...) O CAD o considera uma possível derivação de *ṭēmu*, cf. CAD, t, p. 500”. Em XPc, o v. *tu’umu* também aparece com o sentido de “governar” (cf. CDA, 411). O v. *imarruš* é uma forma G da 3ª p. s. m. pres. de *marāšum*. É um “proibitivo”, formado ao se antepor a partícula negativa *lā* ao v. no pres. **[KASKAL?] šá [xxxxx]-tu**. Trecho quase totalmente ilegível. **i-’ṭi’-[x] a-na ḥa-ab-lu ta-[xx]**. Segundo a reconstrução do CAD (*iṭir ana ḥablu taturru*), “pagar uma compensação (?) para aquele que foi injustiçado” (h, p. 17). O final está muito fragmentado para sabermos se diverge da versão persa, que traz: “não abandone o caminho da retidão, não seja desobediente” (Schmitt, 2000, p. 30-31; 2009, p. 104). Há o resquício de um sinal, talvez DÛ (ME 230), antes de “i”.

Submetido em: 08/04/2024
Aceito em: 10/01/2025